



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE LITERATURA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

**MARIA ELIZABETE ÁVILA SILVA**

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O**  
**8ºANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**FORTALEZA**

**2024**

MARIA ELIZABETE ÁVILA SILVA

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O 8º ANO  
DO ENSINO FUNDAMENTAL

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Grau em Mestre em Letras em Rede Nacional. Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Silvana Militão de Alencar.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- S581v Silva, Maria Elizabete Ávila.  
Variação linguística no ensino de língua portuguesa para o 8º ano do Ensino Fundamental / Maria Elizabete Ávila Silva. – 2024.  
121 f. : il.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2024.  
Orientação: Profa. Dra. Maria Silvana Militão de Alencar.
1. Variação linguística. 2. Sociolinguística. 3. Ensino. I. Título.

CDD 400

---

MARIA ELIZABETE ÁVILA SILVA

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O 8º ANO  
DO ENSINO FUNDAMENTAL

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Grau em Mestre em Letras em Rede Nacional. Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Silvana Militão de Alencar.

Aprovada em: 28/06/2024.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Maria Silvana Militão de Alencar  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo  
Universidade Vale do Acaraú (UVA)

---

Profa. Dra. Franciclé Fortaleza Bento  
Universidade Vale do Acaraú (UVA)

À minha amada avó Ernestina Ávila (*in memoriam*)  
e à Andréa Pighinelli, que me ajuda a sonhar com os  
pés no chão.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as oportunidades e livramentos.

Aos meus pais Teresinha e João Pereira (*in memoriam*), por todo amor que me deram.

À minha querida professora orientadora, Profa. Dra. Maria Silvana Militão de Alencar, pela serenidade e pelos ensinamentos na condução desta pesquisa.

À Profa. Dra. Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo, pela generosa contribuição para a melhoria desta pesquisa e pela gentileza durante a qualificação.

À profa. Dra. Franciclé Fortaleza Bento, pelas orientações pertinentes e pela gentileza durante a qualificação.

À minha família, em especial ao meu filho João Pedro, pela torcida, pela compreensão diante das ausências em tantos momentos importantes e por todo o amor que nos envolve.

À amiga Flávia Benício, pelo incentivo e apoio durante o curso.

Aos colegas de trabalho da escola Prof.<sup>a</sup> Aldaci Barbosa, pelo companheirismo diário.

À turma do PROFLETRAS, pelo acolhimento, pela orientação e pelo carinho com que me trataram.

Aos professores do PROFLETRAS/UFC, por todas as trocas de conhecimento e pelas aulas maravilhosas.

À coordenação do PROFLETRAS/UFC, na pessoa da Profa. Áurea Zavam, por todo o incentivo e orientação.

À secretaria do PROFLETRAS/UFC, pela assistência dada a mim e à turma VIII.

Aos meus alunos e ex-alunos, por tantos momentos de aprendizado e de carinho.

*A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros  
Vinha da boca do povo na língua errada do povo  
Língua certa do povo  
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil  
Ao passo que nós  
O que fazemos  
É macaquear  
A sintaxe lusíada*

**Evocação do Recife – Manuel Bandeira**

## RESUMO

A presente pesquisa sobre as contribuições dos estudos acerca da variação linguística para o ensino de língua portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental, tem como objetivo contribuir para a compreensão desse fenômeno, bem como apresentar sua importância para o ensino de língua portuguesa, em conformidade com as novas concepções de ensino. Nesse sentido, utilizamos os diversos trabalhos relacionados ao tema, através de uma pesquisa bibliográfica, para desenvolver um estudo sobre a variação linguística visando à redução das dificuldades de escrita e de concordância em textos produzidos por alunos do 8º ano do Ensino Fundamental. Nesta pesquisa, a ação foi realizada a partir da apreciação e da análise do fenômeno da variação linguística em diferentes gêneros (tirinha, charge, poema, música, filmes, documentários), e seu impacto no contexto escolar e na sociedade. É importante destacar que a pesquisa teve como foco a escrita e a oralidade. Para esse fim, foi elaborado um caderno de atividades pedagógicas com o intuito de propor atividades direcionadas a um ensino de gramática contextualizado e articulado com as práticas linguísticas. As diversas pesquisas acerca do tema na perspectiva da Sociolinguística variacionista e educacional constituíram a base teórica para o desenvolvimento do presente estudo. Dessa forma, este trabalho tomou como referencial teórico Bortoni-Ricardo (2014-2017); Bagno (2007; 2012; 2013; 2014), Cardoso; Cobucci (2014), (Labov (2008), Lima (2014); Morais (2015); Marques; Baronas (2015), Razky; Feitero (2015), Monteiro (2000), Rocha (2014), dentre outros. Com base nesses estudos, percebemos que houve um avanço significativo no tratamento do fenômeno da variação linguística em muitos materiais didáticos e, conseqüentemente, sua abordagem em sala de aula, embora algumas inadequações no modo como esse tema é trabalhado ainda ocorram.

**Palavras-chave:** variação linguística; sociolinguística; ensino.

## ABSTRACT

The present research on the contributions of studies on linguistic variation to the teaching of Portuguese in the final years of elementary education aims to contribute to the understanding of this phenomenon, as well as to present its importance for the teaching of Portuguese in accordance with new educational concepts. In this regard, we utilized various studies related to the topic through a bibliographic research to develop a study on linguistic variation, aiming to reduce writing and agreement difficulties in texts produced by 8th-grade students. In this research, actions were taken based on the appreciation and analysis of the phenomenon of linguistic variation in different genres (comic strips, caricatures, poetry, music, films, documentaries) and its impact on the school context and society. It is important to highlight that the research focused on both writing and orality. To this end, a pedagogical activity book was created with the aim of proposing activities directed towards a contextualized grammar teaching articulated with linguistic practices. The theoretical basis for the development of this study was the various researches on the subject from the perspective of variational and educational Sociolinguistics. Thus, this work took as theoretical references Bortoni-Ricardo (2014-2017); Bagno (2007-2014), Cardoso; Cobucci (2014), Labov (2008), Lima (2014); Morais (2015); Marques; Baronas (2015), Razky; Feitero (2015), Monteiro (2000), Rocha (2014), among others. Based on these studies, we observed that there has been significant progress in the treatment of the phenomenon of linguistic variation in many educational materials and, consequently, in its approach in the classroom, although some inadequacies in how this topic is addressed still occur.

**Keywords:** linguistic variation; sociolinguistics; teaching.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Diferenças de interpretação da heterogeneidade linguística na Sociolinguística Variacionista e na Sociologia da linguagem .....	35
Figura 2 -	Regra gramatical inovadora .....	55

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Excerto 1 da BNCC.....	43
Quadro 2 -	Excerto 2 da BNCC.....	43
Quadro 3 -	Os sintomas – os sete erros – que apontam para a inconsistência teórica no tratamento dado ao fenômeno da variação linguística nos livros didáticos de português, relatado por Bagno (2013) .....	46
Quadro 4 -	Conjugação do verbo “comer” no presente do indicativo em português, italiano, inglês e japonês .....	50
Quadro 5 -	Exemplo de perda da marcação flexional de número e pessoa.....	51
Quadro 6 -	Exemplo de concordância regida por traços.....	52
Quadro 7 -	Exemplo de concordância de sujeito com núcleo percentual.....	52
Quadro 8 -	Exemplo de concordância de sujeito posposto.....	53
Quadro 9 -	Exemplo de concordância relacionada a posição entre sujeito e verbo.....	53
Quadro 10 -	Exemplo de concordância regida pelo princípio cognitivo do paralelismo.....	54
Quadro 11 -	Hierarquia de Saliência fônica do verbo (“~” significa alternado) .....	54
Quadro 12 -	Organização das atividades no caderno pedagógico.....	59

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
EF	Ensino Fundamental
GTM	Gêneros textuais mais monitorados
LD	Livro didático
LP	Língua Portuguesa
MEC	Ministério da Educação
NUP	Normas urbanas de prestígio
PB	Português brasileiro
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
TVM	Teoria da Variação e Mudança linguística
UFC	Universidade Federal do Ceará
VL	Variação linguística
VUP	Variedades urbanas de prestígio
WLH	Weinreich, Labov e Herzog

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	18
<b>2.1</b>	<b>O propósito da sociolinguística variacionista</b> .....	18
<b>2.2</b>	<b>A concepção da língua <i>versus</i> a linguagem no contexto social</b> .....	23
<b>2.3</b>	<b>A análise dos conceitos norma culta, norma-padrão</b> .....	25
2.3.1	Norma culta .....	26
2.3.1.1	<i>Norma curta: o que significa?</i> .....	30
2.3.2	Norma - padrão .....	30
2.3.2.1	<i>Norma – padrão no Brasil</i> .....	31
<b>2.4</b>	<b>A sociologia da linguagem</b> .....	33
<b>2.5</b>	<b>A variação linguística</b> .....	35
2.5.1	O fenômeno da variação linguística <i>versus</i> BNCC .....	41
2.5.2	A variação linguística e os livros didáticos de português .....	44
2.5.2.1	<i>Variação linguística e o ensino de português</i> .....	47
2.5.2.2	<i>A variação da concordância de número no português brasileiro</i> .....	49
2.5.2.2.1	<i>A concordância no sintagma verbal</i> .....	49
2.5.2.2.2	<i>A concordância verbal de 3ª pessoa no português brasileiro</i> .....	51
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	57
<b>3.1</b>	<b>Procedimentos metodológicos</b> .....	58
<b>4</b>	<b>DISPOSITIVO DIDÁTICO</b> .....	59
<b>4.1</b>	<b>Sequência de atividades</b> .....	60
4.1.1	ATIVIDADE 1 - Variação linguística / toda língua é um feixe de variedades / Gênero: filme (Gênero discursivo oral) .....	60
4.1.2	ATIVIDADE 2 - Entendo os tipos de variação / GÊNERO: cartum, quadrinho, memes .....	60
4.1.3	ATIVIDADE 3 – Compreendendo a variação diacrônica / GÊNERO: crônica .....	61
4.1.4	ATIVIDADE 4 - Variedades da língua falada / GÊNERO: poesia .....	61
4.1.5	ATIVIDADE 5 - Reconhecendo as variedades linguísticas / GÊNERO: poesia .....	62
4.1.6	ATIVIDADE 6 - De olho na concordância / GÊNERO: crônica .....	63

4.1.7	ATIVIDADE 7 – Linguagem: uma questão de adequação / Gênero: crônica / entrevista .....	64
4.1.8	ATIVIDADE 8 – Variedades de concordância / GÊNERO: gêneros textuais variados .....	64
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>66</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>69</b>
	<b>APÊNDICE A – Caderno pedagógico .....</b>	<b>74</b>
	<b>APÊNDICE B – Uma breve reflexão da autora .....</b>	<b>121</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, diversos estudos sociolinguísticos têm analisado o português do Brasil em suas formas falada e escrita, proporcionando uma compreensão da realidade linguística do país. Essa realidade, muitas vezes, difere significativamente das normas gramaticais tradicionais que fundamentam o ensino do Português. E a escola? Como deve proceder diante desse paradoxo? E o professor de Português como pode contribuir para uma aprendizagem de gramática socialmente mais útil e relevante?

Acreditamos que, para promover a habilidade de comunicação dos falantes da língua, é fundamental que a escola acolha a diversidade de discursos. Parte dessa diversidade está relacionada às diferentes formas de linguagem, que são frequentemente avaliadas de acordo com critérios de valor pela sociedade. Isso significa que as variedades linguísticas são comumente julgadas como corretas ou incorretas, aceitáveis ou inaceitáveis, divertidas ou ridículas, refletindo uma perspectiva tradicionalmente estabelecida.

Nesse contexto, a presente pesquisa sobre as contribuições dos estudos acerca da variação linguística para o ensino de língua portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental tenciona contribuir para a compreensão da variação de concordância verbal no português brasileiro (doravante PB), bem como apresentar sua importância para o ensino de língua portuguesa, em conformidade com as novas concepções de ensino. Ou seja, a ideia é desenvolver um estudo sobre a variação linguística visando à redução das dificuldades de inadequações de concordância verbal em textos escritos, produzidos por alunos do 8º ano do Ensino Fundamental.

Em vista disso, analisando a dificuldade de ensino e aprendizagem de gêneros textuais escritos, principalmente relacionados à ortografia e à concordância, em que se percebe a transferência de alguns aspectos variáveis da fala para a escrita, nos anos finais do Ensino Fundamental, bem como a necessidade de habilitar os alunos à compreensão da variação linguística, torna-se essencial ressaltar alguns questionamentos. Como o conhecimento da variação morfossintática pode contribuir como facilitador de uma escrita mais eficiente? E como as variedades linguísticas auxiliam a compreensão do contexto de produção e da proficiência leitora? Como orientar as atividades de produção textual respeitando as diferenças entre fala e escrita? Consideramos que o reconhecimento pelo professor das variantes linguísticas mais frequentes nas produções escritas dos alunos e a avaliação de sua relevância podem ajudar na orientação para a aprendizagem ortográfica, facilitando a assimilação das normas de escrita pelos alunos.

Além disso, a exploração de diversos dialetos regionais e sociais ajuda a compreender a riqueza linguística e como a linguagem reflete contextos históricos e culturais. Ao expor os alunos a diferentes dialetos e promover a valorização da diversidade linguística, espera-se que desenvolvam uma compreensão das variações linguísticas, reconhecendo como a linguagem reflete tais contextos. Isso pode ser aplicado em situações do mundo real para melhorar a comunicação e valorizar a diversidade linguística.

Inferimos, ainda, que as variedades linguísticas podem contribuir para a compreensão do contexto de produção e para a proficiência leitora, em razão de que tanto a leitura quanto a produção escrita podem ser facilitadas pela análise dessas variedades em gêneros textuais orais e escritos. Tais gêneros caracterizados por um registro coloquial, da fala do dia a dia, formas tidas como estilisticamente informais, nas quais observamos os seus contextos de uso e todas as suas implicações. Por isso, a orientação das atividades de produção textual deve respeitar as diferenças entre fala e escrita, pois as atividades propostas aos alunos devem considerar um estudo reflexivo das situações de variação pragmático-discursiva, o que envolve quem usa, quando usa, por que usa, em que gêneros textuais, com que intenções e qual a avaliação da comunidade de fala sobre esses usos.

De forma mais específica, buscamos: (i) analisar a variação linguística com base em conceitos bem definidos e sistematizados; (ii) investigar criticamente os usos da língua como veículos de valores e preconceitos; (iii) possibilitar a reflexão sobre os aspectos sócio-históricos dos falantes em gêneros diversos. (Tirinhas, charges, poemas) Para citar alguns; (iv) desenvolver a compreensão dos alunos sobre a variação linguística por meio da exploração de diferentes dialetos regionais e sociais, de modo a promover a valorização da diversidade linguística e a conscientização sobre como a linguagem reflete contextos históricos e culturais.

Dessa forma, é importante salientar os motivos que nos guiaram para a escolha de nosso objeto de pesquisa. Primeiramente, a abordagem limitada do tema nos livros didáticos (doravante LD) do ensino fundamental anos finais e o pouco conhecimento sobre a educação sociolinguística por parte de muitos professores de Português.

Percebemos que, nas últimas décadas, muitos estudos têm se voltado para a questão da variedade linguística, podemos citar como exemplos, o artigo intitulado Variação linguística: uma questão da sala de aula, Almeida e Zavam (2005), no texto, as autoras já apontavam a relevância dessa questão em situações práticas para um ensino produtivo. Também o livro Sete erros aos quatro ventos, de Bagno (2013), apresenta uma análise acerca do tratamento da variação linguística, através do estudo de 24 coleções destinadas ao segmento do ensino fundamental anos finais, aprovadas no Programa Nacional do livro didático (PNLD) em sua

edição de 2008, dentre outros. Além de trabalhos mais recentes como Araújo e Pereira (2017) e Santos e Melo (2019).

No entanto, apesar dessas questões estarem em destaque em estudos sobre o ensino de língua portuguesa na atualidade, a maioria dos livros didáticos ainda apresenta uma abordagem muito restrita, pois muitos desses materiais limita-se a explorar apenas um tipo de variação, o que dificulta o ensino da língua materna em sua diversidade e acaba por contribuir, mesmo que indiretamente, para o preconceito linguístico, que já é tão notado em nossa sociedade.

Aliado a esse fator tem-se, ainda, a questão de que um dos grandes desafios enfrentados pelos professores de Língua Portuguesa, desde muito tempo, é identificar quais saberes gramaticais devem ser efetivamente abordados na escola nas aulas de língua materna. Vários questionamentos surgem acerca dessa questão. O que ensinar? Como? E para que servirá essa aprendizagem? Daí a necessidade de um estudo mais aprofundado sobre as questões da Sociolinguística.

Sobre essa questão, Bagno (2007) afirma que a Sociologia da linguagem, disciplina que de fato se ocupa das consequências sociais, culturais e políticas da variação e da mudança linguística, é praticamente desconhecida. Por isso, linguistas e educadores, sem formação sociológica adequada, acabam produzindo análises equivocadas, que são repetidas como argumento de autoridade científica por autores de material didático, formuladores de políticas públicas e comunicadores em geral.

Infelizmente, em muitas situações, o ensino de Língua Portuguesa (chamaremos doravante de LP neste trabalho) é reduzido ao ensinamento de uma norma-padrão, homogeneizadora e abstrata, que pouco ou nada se relaciona com o contexto dos alunos. A tal norma-padrão, usada como sinônimo de norma culta, representa mais um equívoco, pois cria a concepção falsa de que existe uma variedade padrão da língua, quando na realidade somente reforça a existência de um modelo linguístico irreal.

Tal fato é corroborado pela abordagem limitada que a variação linguística tem em vários livros didáticos do Ensino Fundamental anos finais, em que o foco é tratar a variação essencialmente no nível lexical. Bagno (2010) destaca sua preocupação com esse tipo de abordagem dos fenômenos que, para ele, são superficiais. Apesar disso, reconhece a relevância de abordar fenômenos de variação linguística situados no espaço lexical e fonético-fonológico, uma vez que “o preconceito linguístico entra em ação imediatamente quando alguém abre a boca para falar e exhibe pronúncias e palavras características de uma região ou classe social desprestigiada” (BAGNO, 2010, p. 132).

Vale ressaltar, contudo, que, durante as últimas décadas, a Sociolinguística ganhou espaço nos documentos oficiais (PCN<sup>1</sup>, PNLD<sup>2</sup>, BNCC<sup>3</sup>), nos quais atualmente é possível encontrar menção direta à heterogeneidade linguística, como salientam Araújo e Pereira (2017). No texto, as autoras discorrem sobre as lacunas e até mesmo inadequações quanto ao tratamento da variação linguística em livros didáticos. Em seguida, orientam acerca da necessidade de um estudo constante dos documentos oficiais e destacam os modos como os materiais didáticos abordam uma das mais importantes propriedades das línguas naturais, isto é, a heterogeneidade linguística.

Com base no exposto, comprova-se a importância desta pesquisa, pois ela discorre sobre questões linguísticas e educacionais, conceitos tão conhecidos no ambiente acadêmico, mas tão fragilmente trabalhados em sala de aula.

Esta dissertação está organizada da seguinte forma: o capítulo 1 consiste na introdução, na qual contextualizamos o fenômeno da variação linguística e apresentamos o propósito de nossa pesquisa, bem como salientamos os motivos que nos guiaram para a escolha de nosso objeto de estudo.

No capítulo 2, há a fundamentação teórica, dividida em cinco seções, que versaram sobre a Sociolinguística variacionista, a concepção de língua, bem como os conceitos de norma, norma culta e norma-padrão, salientando as diferenças entre esses conceitos. Apresentando, ainda, a sociologia da linguagem e um breve resumo da variação linguística, seguida de sua apresentação na BNCC e como esse fenômeno é trabalhado nos livros didáticos de português. As subseções detalharam: a variação linguística e o ensino de português; a variação da concordância de número no português brasileiro; a concordância no sintagma verbal e a concordância verbal de 3ª pessoa no português brasileiro.

O capítulo 3 é a metodologia, mostrando aspectos como: caracterização da pesquisa, delimitação do tema, base teórica para o desenvolvimento do presente estudo e os procedimentos de coleta de informações.

No capítulo 4, apresentamos o dispositivo didático (caderno pedagógico) em que detalhamos a sequência de atividades propostas, os gêneros trabalhados, a quantidade de aulas necessárias ao seu desenvolvimento, bem como as orientações para a condução dessas atividades em sala de aula.

---

<sup>1</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais (cf. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/biblioteca-de-apoio/pcn-ensino-fundamental-6-ao-9-ano/>)

<sup>2</sup> Programa Nacional do Livro e do Material Didático (cf. <https://www.fn.de.gov.br/programas/programas-do-livro>)

<sup>3</sup> Base Nacional Comum Curricular (cf. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>)

O capítulo 5 são as considerações finais em que são retomados os objetivos deste trabalho e explicados como eles foram atingidos. Retomamos, também, as questões da pesquisa e as respostas encontradas, bem como as percepções e as limitações observadas.

Por último, no apêndice A, consta o caderno pedagógico com atividades propostas que abordaram a variação linguística em diferentes gêneros textuais. Já o apêndice B apresenta uma reflexão da autora, baseada em sua vasta experiência como professora, sobre o ensino de português e a variação linguística.

A seguir, uma explicação sobre a ciência da linguagem, o surgimento da Sociolinguística como uma ciência interdisciplinar e seus desdobramentos nos estudos linguísticos.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a concretização desta dissertação, foi preciso desenvolver uma fundamentação teórica sobre a concepção de língua, da linguagem no contexto social, bem como revisitar os conceitos de norma culta, norma padrão e norma gramatical, o propósito da Sociolinguística e a variação linguística, pois constituem pontos fundamentais para o desenvolvimento da proposta pretendida.

Portanto, nesta pesquisa trabalhamos com os pressupostos teóricos das seguintes áreas de estudo, a Sociolinguística Variacionista e a Sociolinguística Educacional, juntamente com crenças subjetivas e atitudes linguísticas, que possuem pressupostos teóricos e credibilidade da comunidade científica.

### 2.1 O propósito da sociolinguística variacionista

A Sociolinguística, como ciência autônoma e interdisciplinar, surgiu nos Estados Unidos na década de 60, quando os linguistas da época perceberam que não era mais possível estudar a língua sem levar em consideração a sociedade em que ela é falada. Mesmo antes de seu surgimento oficial, vários linguistas já desenvolviam em seus trabalhos teorias de natureza claramente sociolinguística, como exemplo, citamos Meillet (1866-1936), Bakhtin (1895-1975) e membros do Círculo Linguístico de Praga. Esses estudiosos já consideravam o contexto sociocultural e a comunidade de fala em suas pesquisas linguísticas, pois consideravam importante analisar as condições em que a fala era produzida (BORTONI -RICARDO, 2017).

O relativismo cultural e a heterogeneidade linguística, dois princípios básicos da Linguística Estruturalista do século XX, impulsionaram o surgimento da Sociolinguística como uma ciência interdisciplinar.

Sobre a questão Bortoni-Ricardo (2017) esclarece:

O relativismo cultural é uma postura adotada nas ciências sociais, inclusive na Linguística, segundo a qual uma manifestação de cultura prestigiada na sociedade não é intrinsecamente superior a outras. (...) Inicialmente, essa premissa relativista aplicou-se a comparações entre línguas, mas, com o advento da crença na heterogeneidade ordenada e do reconhecimento da existência de muitas variedades no âmbito de qualquer língua natural, linguistas nos Estados Unidos e Europa ampliaram o escopo da premissa relativista para a comparação entre variedades de uma língua, ou, até mesmo, entre os estilos no repertório de um falante. (BORTONI -RICARDO, 2017, p. 12)

Os estudos da variação e da mudança na perspectiva da sociolinguística foram impulsionados por William Labov que, juntamente com outros sociolinguistas pioneiros, desenvolveu nos Estados Unidos, intensas análises contrastivas entre o inglês padrão e suas variedades. No início, a Sociolinguística voltou-se prioritariamente para a descrição da variação e dos fenômenos em processos de mudança, inerentes à língua, expandindo-se depois para outras dimensões da linguagem humana (BORTONI-RICARDO, 2017).

Conforme apresentou Gumperz (1996)

Desde meados dos anos 1960, quando o termo sociolinguística apenas começava a ser aceito, essa disciplina vem ampliando seus objetivos iniciais de investigação, muito além da explicação dos processos de mudança e difusão linguísticos. Na atualidade, especialmente durante a última década, converteu-se em uma disciplina central, preocupada com todos os aspectos da comunicação verbal nas sociedades humanas. Em particular, com as formas como a comunicação influi e reflete as relações de poder e dominação, com o papel que a linguagem joga na formação e perpetuação de instituições sociais, assim como, com a transmissão de cultura (GUMPERZ, 1996, p.33).

Dessa forma, percebemos a preocupação dos estudiosos da linguagem com o entendimento de todos os aspectos que envolvem o ato da comunicação verbal em toda a sua especificidade. Portanto, a Sociolinguística tornou-se uma disciplina de grande relevância na atualidade, preocupada com os aspectos da comunicação verbal de modo amplo e como essa comunicação atua e reflete as relações de poder e dominação.

Para Bright (1966), um dos primeiros a tentar determinar o conteúdo e o alcance da Sociolinguística, esta disciplina teria como objeto a diversidade linguística em toda a sua plenitude. Entretanto, pela própria abrangência e imprecisão do conceito da Sociolinguística, inicialmente, não se conseguiu demarcar bem o que devia ou não fazer parte do escopo dessa ciência. Posteriormente, muitos aspectos passaram a ser tema de investigação da Sociolinguística. Baylon (1991) enumerou, dentre outros, os seguintes assuntos: as funções e os usos da linguagem na sociedade, a análise do discurso, o domínio da língua, as atitudes e julgamentos das comunidades de fala acerca de suas línguas, a planificação e a normatização linguística. Ainda de acordo com Baylon (1991), inicialmente, a Sociolinguística tinha como objetivo descrever as diferentes variedades coexistentes no interior de uma comunidade de fala e relacioná-las com as estruturas sociais. Porém, atualmente, ela compreende quase tudo o que concerne ao estudo da linguagem em seu contexto sociocultural (MONTEIRO, 2000).

Logo, acreditamos que delimitar seu objeto de estudo constitui uma tarefa muito importante, uma vez que essa ciência apresenta um campo de atuação muito abrangente. Segundo Monteiro (2000, p.28), “A Sociolinguística analisa os aspectos sociais com o intuito de compreender melhor a estrutura das línguas e seu funcionamento.”

Bortoni-Ricardo (2017) esclarece que:

A Sociolinguística, como uma disciplina independente, é caudatária do conceito de competência comunicativa do linguista norte-americano Dell Hymes [1927-2009], que se seguiu à introdução da teoria linguística hegemônica de Noam Chomsky, iniciada no livro *Syntatic Structures* (1957), no qual retoma a dicotomia saussureana, língua e fala, reanalisadas como competência e desempenho, e consolidadas em sua obra seguinte *Aspects of the Theory of Syntax* (1965) (BORTONI-RICARDO, 2017, p.14).

Conforme destaca Bortoni-Ricardo (2017), a língua para Ferdinand Saussure [1857-1913] é um sistema abstrato partilhado pelos falantes que lhe dão concretude no âmbito da fala. Já para Chomsky, os conhecimentos que os falantes têm da língua é a competência, que se materializa no que ele chamou de desempenho ou performance.

Segundo Lucchesi (2012):

A sociolinguística surge como uma resposta à incapacidade do formalismo linguístico em tratar da questão da mudança. Dessa forma, com a finalidade de construir o objeto de estudo da Linguística Moderna, Saussure retirou a língua do seu devir histórico. Definindo a análise estrutural como exclusivamente sincrônica, o modelo saussuriano tornou-se incapaz de lidar com a questão da mudança. (LUCCHESI, 2012, p. 793)

Ainda de acordo com Lucchesi (2012), tal situação gerou críticas dentro do modelo estruturalista, que descartava a variação como uma propriedade da fala, estranha ao sistema da língua. Conseqüentemente, o Estruturalismo se tornou incapaz de dar uma solução teórica para o fato empírico da mudança linguística. Surge, então, na década de 1960, o Programa de Pesquisa da Sociolinguística Variacionista, que se baseia nas seguintes assunções (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]):

- (i) A língua funciona enquanto muda.
- (ii) A heterogeneidade não compromete o funcionamento da língua – um sistema homogêneo e invariável é que seria disfuncional em uma comunidade de fala culturalmente diversificada.
- (iii) A variação faz parte do sistema linguístico, que é heterogêneo e composto por regras e unidades variáveis.
- (iv) A variação é potencialmente a atualização, em cada momento que se considere a língua, dos processos de mudança em curso no seu devir histórico (mudança implica variação, mas variação não implica necessariamente mudança).
- (v) A variação não é aleatória. A análise sincrônica dos condicionamentos estruturais e sociais da variação é capaz de revelar os mecanismos que atuam na implementação dos processos de mudança que afetam o sistema da língua.
- (vi) A mudança linguística pode ser estudada diretamente através da análise da variação observada em cada estado de língua. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968])

Portanto, a concepção de um sistema linguístico heterogêneo e variável faz com que necessariamente a Sociolinguística defina o seu objeto de estudo como a comunidade de fala, a coletividade que usa concretamente a língua em um contexto histórico específico (LUCCHESI, 2012, p. 794). Isto é, a Sociolinguística estuda a língua em uso no interior de sua comunidade

de fala, destacando um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Dessa forma, ela se situa entre a língua e a sociedade, focalizando, principalmente, os empregos linguísticos concretos, em particular os de caráter heterogêneo.

Assim, todas as línguas são heterogêneas, pois o dinamismo presente nelas torna possível encontrar formas distintas que, em princípio, se equivalem no nível do vocabulário, da sintaxe e morfosintaxe, no subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo. Vários exemplos podem ser encontrados no PB, dentre outros, a presença das marcas de concordância nominal e verbal, como em “os estudos sociolinguísticos” e “eles estudam Sociolinguística”, em geral, podem alternar com a possibilidade de ocorrência de enunciados em que tais marcas estão ausentes: “os estudo (-) sociolinguístico (-)”, “eles estuda (-) Sociolinguística”. Existem muitos outros exemplos que ilustram a variabilidade linguística, presente em todas as línguas naturais humanas (MOLLICA, 2017).

Em síntese, a Sociolinguística variacionista tem como objetivo estudar e compreender a variação linguística dentro de uma comunidade de falantes. Essa abordagem busca identificar como as pessoas usam diferentes variantes linguísticas (como sotaques, gírias, formas gramaticais) em situações concretas de fala e como essas escolhas mudam em função de fatores sociais, culturais, geográficos, históricos e individuais. Ou seja, busca compreender como a língua é usada em contextos sociais e como a variação linguística é uma característica natural e enriquecedora da comunicação humana.

Essa ciência, que inicialmente tinha como tarefa descrever as diferentes variedades existentes dentro de uma comunidade de fala e relacioná-las com as estruturas sociais, atualmente, engloba quase tudo relacionado ao estudo da linguagem em seu contexto sociocultural. Desse modo, os mais variados fenômenos, analisados em diferentes perspectivas, passaram a ser classificados como sociolinguísticos. Tal fato resultou na compreensão de duas áreas de estudo identificadas como a macrosociolinguística e a microsociolinguística.

De acordo com Monteiro (2000), a macrosociolinguística aborda as relações entre a sociedade e as línguas como um todo. Constitui um campo de investigação que envolve a sociologia e a política, porque discute questões como as consequências do multilinguismo no desenvolvimento econômico e as prováveis políticas linguísticas adotadas por um governo. Também são debatidos os problemas que atingem as línguas minoritárias, a planificação e a normatização linguísticas, bem como os efeitos das situações bilíngues e diglósicas, bem como as consequências do pluridialealismo no fracasso escolar das populações desfavorecidas.

Por sua vez, a microsociolinguística analisa os efeitos dos fatores sociais sobre as estruturas linguísticas, usando para isso testes estatísticos. Inclui, ainda, tudo o que diz respeito

à teoria da variação, procurando identificar as pressões que condicionam a aplicação de uma determinada regra variável. Desse modo, percebemos que enquanto a macrossociolinguística considera a sociedade como ponto de partida para seu estudo, tratando a linguagem como seu elemento básico na organização das comunidades, a microssociolinguística considera a própria língua como objetivo e examina as pressões sociais como fatores fundamentais na determinação das estruturas linguísticas.

Portanto, a Sociolinguística é uma disciplina que se insere, como uma subárea, no campo da Linguística e se dedica ao estudo da língua em situações reais de comunicação, concentrando-se na pesquisa que relaciona elementos linguísticos e aspectos sociais. Essa área de conhecimento atua em um espaço interdisciplinar, situado na interface entre a língua e a sociedade, com especial ênfase na análise de usos linguísticos concretos, principalmente aqueles que demonstram variações e heterogeneidade linguística.

Os estudos acerca das variedades linguísticas constituem um grande marco da Sociolinguística, que passou a ser uma subárea da linguística, uma vez que estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Dessa maneira, não se pode considerar a variação dos fenômenos linguísticos fora da comunidade de fala. Daí a importância de se compreender o que é uma comunidade de fala. Embora ainda não exista um consenso quanto ao conceito, ao longo dos anos, diversas definições foram propostas pelos estudiosos do tema, por exemplo, Labov (2008) destaca que:

A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas, sobretudo, pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Essas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos, e pela uniformidade de seus termos abstratos de variação, que são invariáveis com relação aos níveis particulares de uso (LABOV, 2008, p 120 – 121.)

Em síntese, a comunidade de fala não é determinada por um consenso rígido em relação à utilização dos elementos da língua, mas, principalmente, pelo envolvimento em um conjunto de regras compartilhadas. Essas regras podem ser identificadas através de padrões distintos de julgamentos linguísticos e pela consistência de suas descrições abstratas de variação, que permanecem constantes independentemente das variações específicas de uso.

Nesta pesquisa, seguimos o conceito de Labov (2008) com relação à definição de comunidade de fala. Dando continuidade ao assunto, seguiremos para os conceitos de língua e a linguagem no contexto social.

## 2.2 A concepção de língua *versus* a linguagem no contexto social

A linguagem é certamente o nexos mais poderoso que mantém uma comunidade humana interligada, intraligada, coesa, assim o seu estudo torna-se mais produtivo quando a considera em dois planos ao mesmo tempo: o do indivíduo e o da sociedade. “Se ser humano é ser na linguagem, ser humano também é ser social, de modo que linguagem e sociedade são indissociáveis...” (BAGNO, 2014. p. 11).

Nesse sentido, Bagno esclarece que:

A linguagem então é um fenômeno de ordem sociocognitiva, quer dizer, ao mesmo tempo que é uma capacidade biológica da espécie humana (e exclusiva da espécie humana) de adquirir/produzir/transmitir conhecimento por meio de representações/simbolizações do mundo, ela também é uma força motora de coesão social, ela é preservada e transformada pelos membros de uma comunidade humana e, por isso, sujeita a fluxos, influxos e contrafluxos políticos, econômicos e sobretudo culturais dessa comunidade. (BAGNO, 2014. p.13-14)

Portanto, é verdadeiro afirmar que a língua é um trabalho social realizado coletivamente pelos membros da comunidade que a utilizam. Cada indivíduo não é um mero usuário da língua que fala, ele é também um agente de produção, transformação e preservação dessa língua que pertence a cada indivíduo e grupo social oriundos de uma mesma cultura. Portanto “Abrir a boca e começar a falar uma língua é, instantaneamente, criar um ambiente sociocultural e sociocognitivo moldado pelos falantes daquela língua. É criar um contexto de relações e interações. Ou seja: língua é contexto” (BAGNO 2014. p.17).

O ponto de vista assumido por Bagno (2014) é o de que a língua é um fato/fenômeno de natureza sociocognitiva, ou seja, ela existe no cérebro de cada indivíduo, mas também depende das interações sociais para ser ativada e permitir a integração desse indivíduo na herança cultural que é a dele. Partindo dessa teoria, a língua apresenta a seguinte definição:

Uma língua é um conjunto de representações simbólicas do mundo físico e do mundo mental que:

- (1) é compartilhado pelo pelos membros de uma dada comunidade humana como recurso comunicativo;
- (2) serve para a interação e integração sociocultural dos membros dessa comunidade;
- (3) se organiza fonomorfossintaticamente (sons + palavras + frases) segundo convenções firmadas ao longo da história dessa comunidade;
- (4) coevolui com os desenvolvimentos cognitivos e os desenvolvimentos culturais dessa comunidade, sendo, então, sempre variável e mutante, um processo nunca acabado;
- (5) se manifesta concretamente por meio de um repertório limitado de sons emitidos pelo aparelho fonador de cada indivíduo. (BAGNO, 2014- p.22)

É importante destacar o caráter provisório dessa definição, pois a língua não é um produto, uma coisa pronta e acabada. Essa é uma visão enganosa porque “a língua não é, ela

está, está sempre em formação, em decomposição e recomposição, perde coisas com o tempo e ganha outras também, sempre ao sabor das transformações culturais e cognitivas de seus falantes” (BAGNO, 2014. p.23).

Portanto, o que se convencionou chamar de língua em muitas sociedades letradas nada mais é que um produto artificial, social que em nada corresponde àquilo que a língua realmente representa. Ela é um produto sociocultural, elaborado ao longo de muito tempo, pelo esforço de muitos falantes, por isso seu caráter abstrato, imaterial. A língua, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável e continua em constante desconstrução e em reconstrução.

Então, não é novidade a constatação de que a língua e a sociedade são realidades indissociáveis, pois é impossível conceber a existência de uma sem a outra. A finalidade básica de uma língua é a de servir como meio de comunicação e interação social, evidenciando, desse modo, o caráter eminentemente social dos fatos linguísticos. Nesse sentido, enfatiza Labov (1968, p. 241):

Os procedimentos da Linguística descritiva se baseiam no entendimento de que a língua é um conjunto estruturado de normas sociais. No passado, foi útil considerar que tais normas eram invariantes e compartilhadas por todos os membros da comunidade linguística. Todavia, as análises do contexto social em que a língua é utilizada vieram demonstrar que muitos elementos da estrutura linguística estão implicados na variação sistemática que reflete tanto a mudança no tempo, quanto os processos sociais extralinguísticos. (LABOV, 1968, p. 241)

Todavia, a Linguística, em diversas ocasiões, excluiu de seus objetos de estudo a preocupação com os aspectos de natureza social. Monteiro (2000) destaca que é o próprio Labov (1972) quem observa que o discurso da maioria dos indivíduos não constitui um sistema coerente e racional, uma vez que é marcado por numerosas oscilações, contradições e alterações. A descrição da heterogeneidade linguística e a influência dos fatores sociais que atuam na língua tornaram-se exitosos com os trabalhos de Labov, que é considerado o representante maior da teoria da variação linguística.

Contudo será que entendemos o que é mesmo a variação linguística? Ou ainda vivemos a ilusão da língua homogênea? Infelizmente, mesmo diante de diversos estudos sobre a linguagem, muitas pessoas, que vivem em sociedades com longa tradição escrita e história literária de muitos séculos e um sistema educacional organizado, se acostumaram a ideia de língua como um conjunto muito particular de pronúncias, de palavras e de regras gramaticais, que conhecemos como norma padrão, isto é, um modelo de língua certa, bonita, bem falada e que precisa ser preservada como um tesouro nacional.

Na próxima seção, esclarecemos os conceitos de norma, norma culta e norma-padrão e explicamos os principais equívocos relacionados a eles.

### 2.3 A análise dos conceitos norma culta, norma - padrão

O conceito de *norma* nos estudos linguísticos surgiu da necessidade de estabelecer um nível teórico capaz de assimilar, pelo menos em parte, a heterogeneidade constitutiva da língua. Estudos científicos da linguagem verbal mostram que, no plano empírico, a língua é um conjunto de variedades, ou seja, não existe a língua de um lado e as variedades de outro, conseqüentemente a língua é uma realidade intrinsecamente heterogênea, por isso hoje a tendência é dizer que não há uma definição de língua por critérios puramente linguísticos, mas fundamentalmente por critérios políticos e sociais (FARACO, 2008).

De acordo com Faraco (2008):

É possível, então, conceituar tecnicamente norma como determinado conjunto de fenômenos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) que são correntes, costumeiros, habituais numa dada comunidade de fala. Norma nesse sentido se identifica com normalidade, ou seja, com o que é corriqueiro, usual, habitual, recorrente, (“normal”) numa certa comunidade e fala. (FARACO, 2008, p. 35)

Percebemos, então, que o conceito de norma está associado à ideia de normalidade, de comum, de corriqueiro. Que em nada lembra a concepção de regra, como usualmente é confundida. Porém, no uso contemporâneo, a palavra norma assume dois sentidos: normalidade (é norma o que é normal), normatividade (é norma o que é normativo).

Sendo assim, norma, na perspectiva de normalidade, corresponde ao uso regular, usual ou mais frequente de uma determinada forma linguística motivada pela preferência do usuário da língua. Portanto, cada grupo tem suas normas, seus usos preferenciais e são por eles identificados. Isto posto, é importante destacar que a ideia de norma, apesar de nascida no arcabouço teórico estruturalista, foi transportada para outros quadros teóricos, portanto, ao adotarmos um olhar variacionista (sociolinguístico ou dialetológico), torna-se pertinente equiparar norma e variedade. Sem deixar de considerar um fato básico para o estudo das línguas: toda e qualquer norma é dotada de organização, portanto, se toda norma é estruturalmente organizada, podemos afirmar que é impossível falar sem gramática. Tal situação nos direciona a outra questão que seria a noção de erro no ensino de normas linguísticas diferentes, uma vez que não se pode atribuir a noção de erro com base na organização estrutural de uma outra norma.

Sobre essa questão, Faraco (2008) esclarece:

Há, obviamente, grupos de falantes que não dominam ou dominam precariamente determinadas normas. Um bom exemplo disso é a situação dos falantes de cultura intrinsecamente urbana. Em geral, eles só conseguem reproduzir as normas rurais por meio de estereótipos. Outro exemplo é a situação de falantes pouco (ou mal) escolarizados que não dominam (ou dominam apenas precariamente) a norma da escrita formal (FARACO, 2008. p.37).

Percebemos, assim, que há muitas normas sociais e que não existem falantes sem domínio de alguma norma. Evidente que grupos sociais com histórias e experiências culturais diversas, fazem uso de normas diferenciadas e, muitas vezes, até discordantes.

Convém destacarmos alguns exemplos de norma para corroborar com a definição aqui apresentada. Faraco (2008) cita o uso do pronome *tu* usado no tratamento familiar como norma em boa parte do Rio Grande do Sul, já em outras partes do Estado e do país, a norma é o uso do pronome *você*. Outro exemplo relevante é o apontado por Antunes (2007) sobre o uso de pronomes oblíquos iniciando frases, como exemplo de norma do português brasileiro.

Já na perspectiva de norma como uso mais restrito, Antunes (2007, p.86) salienta:

Já em um sentido mais restrito, o termo *norma linguística* implica o conceito de **normatividade**, de prescrição, isto é, do uso como deve ser, segundo um parâmetro legitimado, em geral, pelos grupos mais escolarizados e com maior vivência em torno da comunidade escrita. Esse viés prescritivo acaba por entrar no corpo dos cânones gramaticais (ANTUNES, 2007. p.86).

Dessa forma, temos a norma como imposição de um modelo certo e a ser seguido dentro da escola, que se norteia equivocadamente por uma supremacia da gramática. E a norma culta assumiu um papel muito importante, como foi explicado na seção abaixo.

### 2.3.1 Norma culta

É pertinente esclarecer que existem diferenças entre a norma culta falada e escrita, embora usando no singular a expressão *norma culta*, por se tratar de uma manifestação linguística, comporta variabilidade. Em nosso trabalho, discorreremos sobre a norma culta de forma mais ampla, sem ressaltar as diferenças entre fala e escrita de forma detalhada. Porque tal abordagem demandaria uma pesquisa mais aprofundada e que fugiria do objetivo proposto em nosso trabalho.

Faraco (2008) argumenta que é impossível falar sem gramática, porque toda norma é uma estrutura organizada. Portanto é errônea a ideia de que os analfabetos ou os falantes de variedades do chamado português popular falam “sem gramática”.

Faraco (2008) esclarece:

No funcionamento monitorado da língua, porém, a palavra *norma* é usada com o sentido de preceito, isto é, designa aquilo que tem caráter normativo, que serve, no interior de um projeto político uniformizador, para regular explicitamente os comportamentos dos falantes em determinadas situações. (FARACO, 2008, p. 74)

Nos últimos anos, a expressão *norma culta* deixou de ser usada apenas nas universidades e chegou aos discursos midiáticos e também às escolas, o que acabou gerando uma imprecisão semântica. Se no discurso universitário ela já sofre uma confusão de sentidos, ao tornar-se corriqueira em diversos ambientes, ela passou a ser confundida com a expressão norma-padrão, como se representassem o mesmo fenômeno, ou seja, usadas como expressões sinônimas. Tal fato representa um grande equívoco, porque essas expressões representam duas realidades distintas. Em outras ocasiões, ela é empregada para designar a norma estabelecida em gramáticas e dicionários, como se fosse uma norma gramatical de uso culto nos chamados instrumentos normativos.

Faraco (2002) apresenta a norma culta como:

A norma linguística praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade), por aqueles grupos sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita, em especial aquela legitimada historicamente pelos grupos que controlam o poder social (FARACO, 2002, p.40).

Dessa forma entendemos que a *norma culta* é aquela usada em certas situações, geralmente em contextos que envolvem certo grau de monitoramento, pelos grupos sociais que têm uma forte ligação com a cultura escrita. Essa forma de linguagem é especialmente reconhecida e aceita historicamente pelos grupos que detêm influência social.

Portanto, podemos concluir que a norma culta só é observada em algumas situações de interação verbal, em que sua utilização envolve certo grau de formalidade. Ela está vinculada a grupos sociais que exercem atividades no âmbito da comunicação escrita, principalmente aqueles grupos ligados à divulgação de informações e ao controle do poder político-administrativo.

Por sua vez, a escola compreende a norma culta como um modelo de correção estipulada pelas regras das gramáticas normativas. Corresponde, dessa forma, a representação de um falar correto, “sem erro”, assim mais socialmente prestigiado. Assim sendo, o domínio da norma culta no ambiente escolar pode ser verificado no apego excessivo às regras da concordância e da regência verbal, não apenas a elas, mas também a sintaxe, representam algumas imposições da norma culta.

Antunes (2006) reflete sobre a designação do termo norma culta, do ponto de vista ideológico, considera que essa designação não é das mais adequadas, pois contribui para a pressuposição de somente têm cultura aqueles que a adotam. Ou seja, considera os falantes que

não a usam de incultos, não têm cultura. Embora não fique evidente, esse contraste pode ser perigoso, caso não nos atentemos para suas implicações discriminatórias, sobretudo em relação aos falantes das classes sociais menos favorecidas.

Infelizmente, percebemos evidenciado esse contraste em muitos livros didáticos, que utilizam a forma de norma culta versus norma popular, segundo os trabalhos estudados nesta pesquisa constataram. Tal situação leva a conclusão de que a norma culta é a correta, enquanto a norma popular é tida como a errada. Ficando evidente a oposição: o culto – que corresponde ao certo – não está ao lado do popular.

Faraco (2008) explica que, ao longo da década de 60, o estruturalismo linguístico alastrou-se no Brasil e reproduziu aqui as críticas acadêmicas, que já ocorriam na Europa e nos Estados Unidos, ao saber gramatical tradicional. Tal crítica assinalava as fragilidades conceituais e empíricas da velha gramática, acontecimento que, junto à transmissão de novos modelos de análise linguística, a fez perder prestígio e espaço não apenas nos estudos universitários, mas também nos ensinos fundamental e médio, instaurando uma certa crise no núcleo tradicional do ensino de português. Conforme constatamos, a prática pedagógica tradicional sempre priorizou o ensino de gramática ao ensino do português, criando a falsa ideia de sinonímia entre ensinar gramática e ensinar português.

Dessa forma, o ensino de gramática se limitava a dois sentidos, nem sempre bem definidos: ora significava ensinar nomenclatura, conceitos e classificações (exemplificadas nas formas de exercícios analíticos, as famosas análises morfológica e sintática); ora significava ensinar os usos postulados como corretos pelos gramáticos.

De acordo com Faraco (2008),

O desprestígio acadêmico da gramática desestabilizou esse mundo bem estabelecido havia séculos, seja ao pôr em questão a suficiência de termos, conceitos e classificações do saber tradicional, seja questionando os padrões de correção e, principalmente, os critérios de seu estabelecimento. Desenvolveu-se, então, um certo discurso pedagógico que passou a condenar ou o ensino de gramática em sua totalidade (dizia-se que era preciso deixar de ensinar gramática para poder ensinar português); ou a centralidade desse ensino (dizia-se, como ainda se diz nos documentos oficiais, que só caberia o estudo da nomenclatura, das classificações e dos conceitos se funcionalmente subordinado ao uso da língua propriamente dita, ou seja, ao estudo das práticas de leitura, escrita e fala) (FARACO, 2008, p.23).

Portanto, neste contexto, passou a ser “politicamente incorreto” dizer que se ensinava gramática ou até mesmo destacar sua importância, porém não houve mudanças significativas relacionadas ao ensino de português, “a crítica ao saber tradicional alcançou o discurso, mas não de fato, a prática pedagógica” (FARACO, 2008, p.23). Dessa forma, o uso da expressão norma culta, em substituição ao termo gramática, foi muito conveniente, pois era uma expressão

de uso restrito e oriunda do discurso científico, fato que lhe dava maior credibilidade, bem como uma ideia de modernização ao ensino de português.

A expressão **norma culta**, usada em diversas situações para designar a norma estipulada em gramáticas e dicionários, hoje é muitas vezes confundida com norma-padrão, apesar de representarem realidades distintas. Como esclarece Faraco (2008, p.71), “a expressão norma culta designa o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas da fala e escrita.” Lamentavelmente, o uso exagerado da expressão norma culta pouco tem contribuído para o avanço de nossa cultura linguística, pois, para os falantes, ela se apresenta como uma variedade superior a todas as demais variedades.

Por essa razão, ela se tornou um objeto privilegiado de registro, estudo e cultivo sociocultural. Essa supervalorização da chamada norma culta criou nos falantes a ideia errônea de que essa é uma variedade superior a todas as demais. Tal fato leva os falantes a confundirem a norma culta com a própria língua. Desprezando, assim, todas as demais variedades, que são vistas como deturpações, corrupções da língua verdadeira.

Por outro lado, essa concepção falsa de que a norma mais monitorada (norma culta) é a própria língua, acaba gerando, entre as pessoas mais puristas, um receio de que a língua esteja decaindo quando se encontra diante de variedades que começam a atingir essa norma. Tal pensamento não se sustenta na realidade, porque as mudanças, como mostra a linguística histórica, “nunca alteraram a plenitude estrutural de nenhuma das variedades da língua. Elas passam sim por contínuas reconfigurações estruturais, mas nunca perdem seu caráter estruturado” (FARACO, 2008, p. 71). Além disso, outra razão é que toda língua é constituída de variedades, ou seja, é sempre heterogênea. E essas variações não podem ser consideradas como deturpações ou corrupções.

Sobre essa questão, Faraco (2008) afirma:

A norma dita culta é apenas uma dessas variedades, com funções socioculturais bem específicas. Seu prestígio não decorre de suas propriedades gramaticais, mas de processos sócio-históricos que agregam valores a ela. Em outras palavras, seu prestígio não decorre de propriedades intrínsecas (linguísticas propriamente ditas), mas de propriedades extrínsecas (sócio-históricas) (FARACO, 2008, p.72).

Inferimos, com base no exposto, que a norma culta passou a ser dita como língua por aspectos sócio-históricos e não por propriedades linguísticas, pois, do ponto de vista estritamente gramatical, as normas (variedades) são igualmente organizadas. Porém isso não indica que socialmente todas as variedades se equivalem, uma vez que existe uma diferenciação valorativa que as diferenciam. Por razões históricas, os grupos sociais vão atribuindo diferentes

valores às diferentes variedades e, do mesmo modo, algumas variedades possuem avaliação social positiva, enquanto outras são desprestigiadas ou, em muitas situações, estigmatizadas. Vale ressaltar que essas valorizações são consequências da maneira de como se estabelecem historicamente as relações entre os grupos sociais.

### ***2.3.1.1 Norma curta: o que significa?***

Sabemos que a língua é uma realidade heterogênea e mutante, pois os usos diferem e se alteram, portanto tentar tratar essa língua como se fosse homogênea e estática acaba gerando muitos conflitos. Apesar de ser inevitável que, com o passar do tempo, ocorram conflitos entre os usos e os instrumentos normativos, conforme ressaltou Faraco (2008), “É preciso, então, desenvolver balizas culturais para amenizar os conflitos e superar os impasses.”

Apesar da existência, em bons instrumentos normativos (gramáticas e dicionários), de referências a conteúdos de variedades cultas, há muito consagrada na norma culta, ainda ocorrem muitas situações em que a noção de “erro” é amplamente divulgada, dessarte gerando os conflitos supracitados, pois as condenações arbitrárias continuam a ser feitas e com grandes prejuízos para os falantes.

Portanto, a norma curta, em nome da norma-padrão artificialmente fixada, como já esclarecemos anteriormente, ainda circula na sociedade: ora na desqualificação da língua portuguesa do Brasil, ora na desqualificação dos seus falantes. Para Faraco (2008), a norma curta não passa de uma súmula grosseira e rasteira de preceitos normativos saídos, em geral, do purismo exagerado que se espalhou desde o século XIX. “A norma curta é a miséria da gramática.”

### **2.3.2 Norma-padrão**

Faraco (2008, p.73) explica que a origem da norma-padrão, ocorrida no século XV, foi uma resposta à profunda diversidade linguística, fazendo emergir um projeto padronizador, no qual se procurou estabelecer, através do uso de instrumento normativos, como dicionários e gramáticas, um padrão de língua para os estados centrais modernos terem um instrumento de política linguística.

Sobre a questão, destaca Faraco (2008):

Como dissemos antes, a norma-padrão enquanto realidade léxico-gramatical, é um fenômeno relativamente abstrato: há em sua codificação, um processo de relativo apagamento de marcas dialetais muito salientes. É por aí que a norma-padrão pode se tornar uma referência suprarregional e transtemporal (FARACO, 2008, p.77).

Nessa perspectiva, o padrão tem sua relevância e adequação como força centrípeta no interior do amplo universo centrífugo que configura as línguas, principalmente em situações em que se procura obter certa uniformidade para amenizar acentuada dialeção.

Conforme vimos anteriormente, a norma culta é a expressão da variedade mais monitorada da língua, usada correntemente pelos falantes mais letrados em situações de maior formalidade tanto na fala quanto na escrita. Por outro lado, a norma-padrão é vista como um fenômeno relativamente abstrato, porque ela representa um recorte extraído do uso real a fim de ser usada como referência a projetos políticos de uniformização linguística. De acordo com Bagno (2007), percebe-se que a norma-padrão representa um construto sócio-histórico que serve como modelo para incentivar um processo de uniformização. Portanto, ela não é necessariamente uma variedade da língua.

Faraco (2008) ressalta que, no contexto histórico do século XVI, as gramáticas e dicionários não foram aceitos somente como instrumentos descritivos de registro da norma culta, mas passaram a ser compreendidos como instrumentos de fixação de um padrão normatizador do comportamento dos falantes, almejando encontrar uma língua para o Estado Centralizado. Então, como consequência, as gramáticas e os dicionários passaram a ser vistos como instrumentos de medida de comportamento, ou seja, criou-se a expectativa de que a fala e a escrita formal fossem adequadas ao que esses instrumentos determinavam.

### ***2.3.2.1 Norma-padrão no Brasil***

A norma-padrão no Brasil, conforme explica Faraco (2008), foi um padrão construído em sua origem de forma excessivamente artificial, porque a codificação que se fez aqui, na segunda metade do século XIX, não tomou a linguagem urbana comum brasileira da época (norma culta) como referência. Ao contrário, a elite letrada conservadora buscou fixar como nosso padrão certo modelo lusitano de escrita, que era usado por alguns escritores portugueses do romantismo. Tal modelo não representava a língua de Portugal, pois, como qualquer língua, o português lusitano também é um emaranhado de variedades.

É importante destacar que a norma-padrão brasileira não foi uma imposição de Portugal, como muitos imaginam. Acreditava-se que a “metrópole” colonial teria imposto sua norma *standard* como norma-padrão, todavia, a tentativa de lusitanização da norma culta brasileira foi totalmente de responsabilidade de nossa elite letrada.

De acordo com Faraco (2008),

Por trás da atitude excessivamente conservadora dessa elite letrada, além de uma herança da pesada tradição normativa dos países de línguas latinas, estava seu desejo de viver num país branco e europeu, o que a fazia lamentar o caráter multirracial e mestiço de nosso país (aspirando, de modo explícito até a década de 1930, a um “embranquecimento da raça”); e, no caso da língua, a fazia reagir sistematicamente a tudo aquilo que nos diferenciava do modelo linguístico lusitano por ela escolhido para padronizar a fala e a escrita no Brasil. (FARACO, 2008, p.77)

Percebemos, então, o esforço de evitar uma norma-padrão abasileirada, que era compreendida pela elite conservadora como sinônimo de corrupção, degeneração e desintegração. Portanto, o esforço padronizador no Brasil, diferentemente da Europa, não teve como objetivo primordial responder a uma situação dialetal profunda, mas sim buscava uma aproximação com o modelo linguístico lusitano considerado superior pela elite letrada conservadora.

Dessa forma, conclui Faraco (2008) que o projeto na norma-padrão no Brasil teve como objetivo fundamental combater as variedades do português popular. O autor cita que, desde o século XVIII, com o *Directorio dos índios* se procurou implantar uma política que tinha como objetivo calar as línguas indígenas, em particular a chamada língua geral. Já, no século XIX, a intenção era calar as variedades rurais e urbanas e, nesse contexto, os formadores e os defensores da norma-padrão foram contrários às características das variedades populares, bem como as variedades cultas faladas em nosso país. Contudo, devido ao excessivo artificialismo do padrão que estipularam, essa norma não se estabeleceu efetivamente entre nós.

Sobre essa questão, conclui Faraco (2008):

Podemos dizer hoje, passado mais de um século do esforço padronizador do século XIX, que ele foi um projeto que, no fundo, fracassou: por ferir excessivamente o senso linguístico dos falantes urbanos letrados brasileiros, nunca conseguiu, de fato, alterar a face linguística do nosso país. No entanto, na mão dos pseudopuristas, continua a nos assombrar. (FARACO, 2008, p.80)

Infelizmente, essa questão entre norma-padrão e norma culta ainda se encontra longe de ter uma conclusão satisfatória. Apesar dos avanços nas gramáticas na segunda metade do século XX, talvez motivadas pelas diversas críticas feitas pelos escritores modernistas da primeira geração, os quais tomaram a questão da língua como um dos pontos essenciais do seu projeto estático e promoveram intensas críticas ao distanciamento da norma-padrão e a norma

culta/comum/standard brasileira. Assim, acreditamos que esse embate ainda demorará para acabar, no entanto, muitos avanços com relação à norma culta já podem ser observados em gramáticas contemporâneas.

Para uma melhor compreensão da complexidade desses conceitos e seu uso na sociedade, elaboramos um breve esclarecimento acerca da Sociologia da linguagem na seção seguinte.

## 2.4 A sociologia da linguagem

A distinção entre a Sociolinguística e a Sociologia da Linguagem tem sido um tema muito discutido em muitos estudos.

Monteiro (2000) comenta algumas conceituações:

Fishman (1972) explica que a sociologia da linguagem examina a interação entre dois aspectos do comportamento humano: o uso da língua e a organização social. Dessa forma, enfoca uma ampla gama de tópicos correlacionados à organização social do comportamento linguístico, incluindo não apenas a linguagem em si mesma, mas também as atitudes dos falantes, os valores simbólicos que as variedades adquirem para seus usuários. Garmadi (1983) entende que a sociolinguística da linguagem tem por tarefa utilizar os fatos da língua e do discurso como meio de se chegar a um melhor conhecimento dos fenômenos sociais. Hudson (1984) define-a como o estudo da sociedade em relação com a linguagem, opondo-a à sociolinguística, concebida esta como o estudo da linguagem em relação com a sociedade. (MONTEIRO, 2000, p.27)

Monteiro (2000) conclui que a diferença é mais uma questão de ênfase, conforme o pesquisador focalize seu interesse pela linguagem ou pela sociedade, uma vez que a sociolinguística analisa os aspectos sociais visando compreender melhor a estrutura das línguas e seu funcionamento. Ao passo que, a sociologia da linguagem visa alcançar um melhor entendimento da estrutura social por meio do estudo da linguagem.

Já para Labov (1972), a sociologia da linguagem seria um ramo da sociolinguística, tendo como tarefa fundamental o estudo dos grandes fatores sociais e de suas mútuas interações com as línguas e os dialetos.

Para Bagno (2013), a sociologia da linguagem é um estudo da sociedade com foco nas relações que seus membros mantêm entre si por meio da linguagem. Nesse caso, o que se observa é a língua como instituição, como instrumento de controle social de uma parte da sociedade sobre as demais. Ou seja, essa mesma língua é usada como uma arma para o exercício da violência simbólica de uns cidadãos contra os outros, gerando um ambiente de disputa de poder e conflitos entre grupos sociais.

Corroborando com as ideias supracitadas, Bagno (2013) afirma:

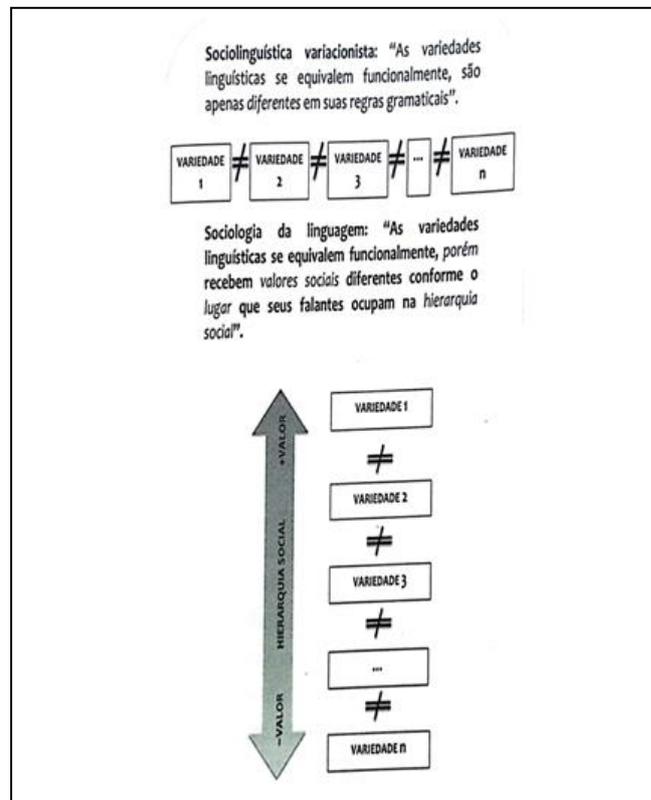
A sociolinguística mostra que existe variação e, em certa medida, se detém na explicação das causas (linguística e/ou sociais) dessa variação, ao passo que a sociologia da linguagem se pergunta: quais as consequências (sociais, culturais, éticas, políticas, econômicas, pedagógicas, psicológicas) dessa variação? De que modo a variação linguística é parte constitutiva das dinâmicas sociais? Ao contrário da sociolinguística variacionista que se vale da noção um tanto estática e passiva de que “a língua reflete a sociedade”, a sociologia da linguagem postula que as línguas moldam as sociedades e são moldadas por elas, num complexo jogo de relações, nunca igualitárias. (BAGNO, 2013, p.52)

Assim, o autor apresenta uma comparação entre a Sociolinguística e a Sociologia da linguagem, destacando suas abordagens e focos diferentes em relação à variação linguística. Enquanto a Sociolinguística se concentra em identificar e explicar a variação linguística, investigando as causas dessa variação, que podem ser linguísticas (como fatores internos da língua) ou sociais (como fatores demográficos, culturais, etc.), a sociologia da linguagem, por outro lado, se preocupa mais com as consequências dessa variação linguística. Ela examina como as diferenças na linguagem influenciam e são influenciadas por aspectos sociais, culturais, éticos, políticos, econômicos, pedagógicos e psicológicos.

Percebemos, dessa forma, que a abordagem variacionista da sociolinguística considera a língua de maneira estática e passiva, simplesmente refletindo a sociedade. Em contraste com a sociologia da linguagem que adota uma perspectiva mais atuante, em que as línguas têm um papel ativo na formação das sociedades e vice-versa.

A figura 1 nos dá uma noção da diferença entre a Sociolinguística Variacionista e a Sociologia da Linguagem apresentada na pesquisa de Bagno (2013).

**Figura 1. Diferenças de interpretação da heterogeneidade linguística na Sociolinguística Variacionista e na Sociologia da Linguagem.**



Fonte: BAGNO (2013, p. 53)

Observamos que, de acordo com a figura 1, nos estudos sociolinguísticos, as diferentes modalidades de uso da língua são colocadas na horizontal, ou seja, em pé de igualdade. Por outro lado, a sociologia da linguagem indica, numa escala vertical, a hierarquização social dos diferentes falantes numa comunidade. Portanto, nessa concepção constatamos a existência de modos de falar melhores e piores, superiores e inferiores, porém não por qualquer característica gramatical, sistêmica, linguística, mas pelos diferentes papéis atribuídos a eles no jogo das relações de poder em vigor na sociedade.

A seguir, explicamos alguns aspectos da VL, na perspectiva da Sociologia, e esclarecemos os principais fatores extralinguísticos que podem ajudar na identificação dos fenômenos da variação linguística.

## 2.5 A variação linguística

A mudança na concepção de ensino iniciou com a publicação, em 1997, dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) pelo Ministério da Educação. Nessa coleção de documentos

oficiais estavam propostas para uma renovação do ensino nas escolas brasileiras que contemplavam todas as disciplinas (língua portuguesa, matemática, história, geografia, ciências etc.) Já no início dos PCN de língua portuguesa, na parte dedicada às séries iniciais do ensino fundamental, encontramos o seguinte trecho:

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum considerar as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar – que se parece com a escrita – e o de que a escrita é o espelho da fala – e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. (PCN,1997, p.26)

Esse trecho nos mostra a preocupação com o ensino de Língua Portuguesa, nos anos iniciais, nas escolas brasileiras, já na década de 70. Assim, percebemos uma significativa mudança na concepção de ensino de LP nas escolas brasileiras, porque a preocupação com o repertório linguístico que o aluno traz de sua comunidade passou a constar, embora teoricamente, no ambiente escolar. Encontramos questões até então pouco comentadas, como as variedades linguísticas de maior e menor prestígio social, bem como a tentativa de se combater o preconceito linguístico. Aliado a essa questão, alguns conceitos da Sociolinguística foram introduzidos no ensino de línguas, como, por exemplo, a expressão *variedades dialetais*.

Bagno (2007) afirma que o impacto dessa nova concepção de ensino é sem dúvida um feito muito positivo. Porém lembra dois grandes obstáculos a serem vencidos: a resistência das pessoas apegadas às concepções antigas e ao ensino conservador, e a falta de formação adequada das professoras para conseguir lidar com todas as inovações nas práticas do ensino de português.

Bagno (2007) conclui que, devido às mudanças na concepção de ensino de língua, a variação linguística tornou-se fundamental para compreensão desse novo modelo de ensino. Daí a necessidade de se conhecer esse fenômeno com base em conceitos bem definidos e sistematizados. Uma vez que as mudanças ocorridas no perfil da comunidade escolar nas últimas décadas exigem um tratamento adequado das questões da variação linguística e de suas relações com o ensino da língua portuguesa e com a vida social em sua amplitude.

Conforme os estudos científicos da linguagem verbal têm evidenciado, nenhuma língua é uma realidade unitária e homogênea. Muito pelo contrário, na concepção da Sociolinguística,

ela é a representação da heterogeneidade, ou seja, múltipla, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução.

Para Faraco (2008):

No plano empírico, uma língua é constituída por um conjunto de variedades. Em outras palavras, não existe língua para além ou acima do conjunto das suas variedades constitutivas, nem existe a língua de um lado e as variedades de outro, como muitas vezes se acredita no senso comum: empiricamente a língua é o próprio conjunto das variedades. Trata-se, portanto, de uma realidade intrinsecamente heterogênea. (FARACO,2008, p.31)

Assim, como a língua é um conjunto de variedades, conhecer a variação e a mudança linguística é compreender a língua em seu estado natural. E esse conhecimento tornará possível que a educação linguística se torne uma realidade não apenas nos ambientes escolares e acadêmicos. Portanto, conhecer o fenômeno da variação e considerá-lo em sala de aula é primordial para um ensino eficiente e não discriminatório, por isso uma base sociolinguística tornou-se um requisito fundamental para o professor de língua.

Os usuários de uma língua que se encontram dentro de uma comunidade linguística, isto é, interagem verbalmente e compartilham de um conjunto de normas relacionadas aos usos linguísticos, não falam exatamente do mesmo modo. Eles possuem, em comum, apenas o mesmo conjunto de regras que orientam sua interação discursiva, nas diferentes redes comunicativas que se entrelaçam no convívio social. Essas redes comunicativas, por sua vez, se estabelecem dentro de redes sociais em contextos históricos determinados. Esse conjunto de características interligadas faz surgir a diversidade linguística.

Na perspectiva sociolinguística, a variação ou a diversidade linguística é um fenômeno inerente a todas as línguas. Dessa forma, podemos afirmar que no caso da língua portuguesa, por exemplo, devido à variação, não existe uma língua portuguesa apenas, e sim várias línguas portuguesas. Porque “o que se convencionou chamar de Língua portuguesa, na verdade, nada mais é do que um feixe de variedades linguísticas que caracterizam regiões, grupos sociais, faixas etárias, graus de escolaridade, profissões, situações” (ALMEIDA, ZAVAM, 2004, p. 243).

A variação da língua ocorre devido a fatores linguísticos ou extralinguísticos, de forma que os primeiros se dão pela própria natureza linguística e os segundos, por motivos externos à língua. Uma vez que as línguas não são estáticas, fixas, imutáveis, visto que mudam a forma de falar, as palavras, a grafia e o sentido delas. Elas se alteram em relação ao tempo, ao espaço, à classe social, à situação comunicativa e até mesmo ao próprio usuário da língua.

Boronas (2014) Esclarece:

Em relação aos fatores extralinguísticos, Camacho (1988) propõe uma sistematização apontando a classificação: variação histórica, geográfica, social e estilística. O autor ressalta que tal classificação proposta não se dá de forma estanque, ou seja, muitas vezes uma variação ocorre devido a mais de um fator, como o social e o geográfico, por exemplo. Já Castilho (2010) apresenta outra proposta de classificação, a saber: variação geográfica, variação sociocultural, variação individual, variação de canal e variação temática. (BORONAS, 2014. P.44)

Lembrando que a variação ocorre em todos os níveis da língua: variação fonético-fonológica, variação morfológica, variação sintática, variação semântica, variação lexical, variação estilístico-pragmática. Segundo Bagno (2007), “Um dos postulados básicos da Sociolinguística é o de que a variação não é aleatória, fortuita, caótica – muito pelo contrário, ela é estruturada, organizada, condicionada por diferentes fatores.” O autor cita a heterogeneidade ordenada, o fato de a língua ser bem estruturada, de ser um sistema organizado, que possibilita a expressão de um mesmo conteúdo informacional através de diferentes regras, todas lógicas e com coerência funcional.

Estudos sociolinguísticos apontam para um conjunto de fatores sociais que podem ajudar na identificação dos fenômenos da variação linguística, conhecidos como fatores extralinguísticos.

Bagno (2007) assim descreve os fatores extralinguísticos:

**Origem geográfica:** a língua varia de um lugar para o outro; assim, podemos investigar, por exemplo, a fala característica das diferentes regiões brasileiras, dos diferentes estados, de diferentes áreas geográficas dentro de um mesmo estado etc.; outro fator importante também é a origem rural ou urbana da pessoa;

**Status socioeconômico:** as pessoas que têm um nível de renda muito baixo não falam do mesmo modo das que têm um nível de renda médio ou muito alto, e vice-versa;

**Grau de escolarização:** o acesso maior ou menor à educação formal, e, com ele, à cultura letrada, à prática de leitura e aos usos da escrita, é um fator muito importante na configuração dos usos linguísticos dos diferentes indivíduos;

**Idade:** os adolescentes não falam do mesmo modo como seus pais, nem estes falam do mesmo modo como as pessoas das gerações anteriores;

**Sexo:** homens e mulheres fazem uso diferenciados dos recursos que a língua oferece;

**Mercado de trabalho:** o vínculo da pessoa com determinadas profissões e ofícios incide na sua atividade linguística: uma advogada não usa os mesmos recursos linguísticos de um encanador, nem este os mesmos de um cortador de cana;

**Redes sociais:** cada pessoa adota comportamentos semelhantes aos das pessoas com quem convive em sua rede social; entre esses comportamentos está também o comportamento linguístico. (BAGNO, 2007, p.43)

Ainda, de acordo com Bagno (2007), pesquisas indicam que, dentre os fatores supracitados, o fator com maior impacto sobre a variação linguística é o grau de escolarização, que, em nosso país, está relacionado diretamente com o *status* socioeconômico.

É importante destacar que a variação linguística se manifesta também no comportamento linguístico de cada falante da língua. Essa variação no modo de falar individual

ocorre de maneira mais consciente ou menos consciente, conforme a situação de interação em que nos encontramos. As situações de interação dos falantes podem envolver um grau maior ou menor de formalidade, de maior ou menor tensão psicológica, e sofrer pressão dos interlocutores e do ambiente. Tudo isso influencia no comportamento do indivíduo e pode ser sintetizado no conceito de monitoramento estilístico.

Bagno (2007) esclarece:

Empregamos na Sociolinguística os termos estilo ou registro para designar a variação presente na fala de um indivíduo segundo a situação em que se encontra. Para classificar os estilos ou registros, é mais adequado usar as gradações de monitoramento (mais monitorado, menos monitorado etc.) do que certos termos vagos e imprecisos como “estilo coloquial”, “registro culto”, “estilo cuidado” etc. (BAGNO, 2007, p.43)

A variação sociolinguística costuma aparecer em textos especializados com a seguinte classificação: variação diacrônica; variação dialetal ou diatópica; variação social ou diastrática; variação diamésica; variação discursiva ou diafásica e variação individual. (Bagno, 2007)

A variação diacrônica é a evolução da língua ao longo dos tempos. O processo de mudança é gradual: uma variante inicialmente utilizada por um grupo restrito de falantes passa a ser adotada por indivíduos socioeconomicamente mais expressivos. A forma antiga permanece ainda entre as gerações mais velhas, período em que as duas variantes convivem.

Já a variação dialetal ou diatópica ocorre no espaço geográfico, que dá origem a diferenças entre regiões (dialeto). Trata das mudanças de pronúncia, de vocabulário e de estrutura sintática entre regiões. Outra variação muito importante é a diastrática, associada à diversidade social, isto é, à existência de grupos e camadas sociais. Agrupa alguns fatores de diversidade: o nível socioeconômico, determinado pelo meio social onde vive um indivíduo; o grau de educação; a idade e o sexo.

Por sua vez, a variação diamésica está associada ao uso da língua pelos diferentes meios e veículos de comunicação. Centrada na comparação entre a língua falada e a língua escrita. Na análise dessa variação, observa-se também as diferenças no uso da língua referente ao gênero discursivo.

A variação discursiva ou diafásica refere-se à diversidade dos atos discursivos em que participamos. Considera um mesmo indivíduo em diferentes circunstâncias de comunicação: se está em um ambiente familiar, profissional, o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os interlocutores.

Vale ressaltar que as diferentes modalidades de variação linguística não existem isoladamente, havendo um inter-relacionamento entre elas: uma variante geográfica pode ser vista como uma variante social, considerando-se a migração entre regiões do país. Observa-se

que o meio rural, por ser menos influenciado pelas mudanças da sociedade, preserva variantes antigas. O conhecimento da variante de prestígio pode ser fator de mobilidade social para um indivíduo pertencente a uma classe menos favorecida. Será?

Bagno (2013) afirma:

O avanço exponencial das pesquisas sociolinguísticas tem levado muita gente a se entusiasmar com a ideia de que todas as variedades linguísticas se equivalem e que não existe “língua melhor” ou “língua pior”, mas apenas maneiras *diferentes* de expressar uma mesma regra gramatical variável. Essa ideia coloca as variedades linguísticas numa linha horizontal, na qual também é incluída – esse é um dos maiores equívocos – o modelo idealizado de “língua certa” codificado na tradição normativa e que chamo de **norma-padrão**. (BAGNO, 2013, p. 51)

Sabemos, portanto, que a natureza da linguagem é social, por isso a língua é passível de variação e de mudança. O caráter social da língua, atrelado à cultura, à história e à espacialização, tanto sincrônica quanto diacronicamente, garante as diversas variedades dialetais em uma Língua. Nesta pesquisa torna-se o objeto de estudo a variação linguística, articulada à análise linguística/semiótica, com foco no ensino fundamental, a partir da descrição e da análise das habilidades voltadas ao ensino da variação linguística em textos de diversos gêneros.

Embora os documentos oficiais orientem para o reconhecimento e para o respeito às variedades linguísticas no ensino de Língua Portuguesa, essas orientações não têm sido aplicadas ao universo da língua escrita, que ainda se norteia pela chamada norma padrão. Relega-se, assim, a diversidade linguística ao lugar do estereotipado e do socialmente marcado, perpetuando o preconceito linguístico e uma cultura de substituição da variedade linguística do aluno, em vez do incentivo para a ampliação de seu repertório, o que permitiria ao aluno utilizar a língua em diferentes modalidades e em diversos registros, adequando-a às diversas situações de comunicação.

Santos e Melo (2019) ressaltam que:

Segundo Martelotta (2011, p. 46), a variação é um mecanismo essencial das línguas, em que formas distintas apresentam significado equivalente ou mesma função em uma mesma comunidade de fala, no nível do vocábulo, da morfossintaxe, e/ou fonético-fonológico, podendo coexistir durante muito tempo ou apresentarem um estágio de mutação, em que uma das formas tende a desaparecer, dando lugar a uma forma mais nova que irá ocupar, progressivamente, os lugares da forma antiga, ocorrendo, portanto, o fenômeno denominado de mudança. Assim, o sociolinguista pode mapear possíveis influências de natureza linguística e extralinguística sobre o emprego variável das formas, investigando o grau de estabilidade ou mutabilidade da variação. (SANTOS E MELO, 2019, P.120)

Ainda tomando como base a pesquisa de Santos e Melo (2019), compreendemos que as formas variantes costumam receber valores sociais distintos, podendo ser consideradas variantes padrão ou variantes não padrão. Destaca-se, nessa conjuntura, a existência de regras

que regem a variação linguística, dado que ela não acontece de maneira aleatória, pois existem fatores internos da língua e externos a ela (citados anteriormente) que regulam a escolha de determinada variante.

Segundo observou Santos (2019), a visão de língua polissistêmica (BAGNO, 2012) parece ser contemplada nos documentos oficiais da educação brasileira desde 1997, quando o Ministério da Educação publicou os Parâmetros Curriculares Nacionais, como uma medida de ressignificação do ensino de língua portuguesa no Brasil. Essas propostas iniciais do governo apontavam para a renovação do ensino da língua materna, que, atualmente, possibilita diversos estudos de incursão teórica sociolinguística, publicados no Brasil, esses estudos refletem sobre a importância do ensino desse eixo na escola, a exemplo dos trabalhos de Bortoni-Ricardo (2004, 2005).

Observamos, através das reflexões destacadas no trabalho de Santos (2019), que os documentos oficiais da educação brasileira têm o propósito de não só formar professores, mas também alunos capazes de refletir sobre a língua em uso, apartando-se das práticas de preconceito linguístico e de um ensino centrado na Gramática Tradicional. A partir da inovação do currículo de língua portuguesa, compreendemos a escola como uma instituição responsável por promover reflexões sobre a dinamicidade da língua, bem como desenvolver atividades que possibilitem ao aluno o contato com as variedades linguísticas, a fim de expandir sua competência comunicativa.

### 2.5.1 O fenômeno da variação linguística *versus* BNCC

A BNCC é um documento de caráter normativo que funciona como referência obrigatória para construção dos currículos escolares das redes de ensino e de suas instituições. É fruto de debates e de várias consultas públicas no Brasil e tem como objetivo definir o conjunto de aprendizagens essenciais aos alunos da educação básica. Com direcionamento restrito à educação escolar, esse documento surge da exigência estabelecida pela Constituição Federal de 1988, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/96), pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) e pelo Programa Nacional de Educação (2014).

A mudança na concepção do ensino de português encontra-se evidenciada na BNCC, esse documento normativo postula, através de seu conjunto de competências e de habilidades, uma reeducação sociolinguística, no que concerne ao tratamento da língua, que retira o foco das noções de “erro x acerto” e apresenta “caminhos” para a construção de um currículo com

indícios de investigação da variação linguística e seus impactos sociais.

Santos e Melo (2019) fazem uma análise sobre a forma como o documento norteador da educação no Brasil, trata a questão da variedade linguística.

E assim esclarecem:

Cabe-nos, inicialmente, apontar, no que tange ao componente língua portuguesa, no ensino fundamental, que a proposta de currículo que se postula é a de não centralidade do ensino de gramática normativa na escola; em contrapartida, mantém-se o desafio do ensino da leitura e da escrita, a partir das práticas dos multiletramentos atravessadas pelos vários eixos de ensino e pelos diferentes campos de atuação. Essa promoção dos letramentos é uma tentativa de fazer com que o aluno, enquanto usuário da língua, tenha competência e habilidades para refletir sobre o uso linguístico para além das regras, tornando-o, assim, um sujeito crítico e reflexivo na sociedade. (SANTOS; MELO, 2019, p. 126)

É notório o avanço das políticas públicas com relação aos estudos da linguagem em suas múltiplas variedades, talvez sejam motivadas pelas mudanças ocorridas no perfil da comunidade escolar. Sob essa perspectiva no ensino da LP, a oralidade ganha realce como um eixo de ensino produtivo, de forma a possibilitar que os alunos analisem a força expressiva da comunicação oral cotidiana em diferentes gêneros, suportes ou eventos, bem como investiguem como se dá a variação na língua.

Para as autoras Santos; Melo (2019),

Diante desse quadro de habilidades, selecionamos apenas aquelas que se referem ao tratamento da variação linguística. Esses dois blocos selecionados não tratam, por exemplo, das habilidades de compreensão e de produção de textos orais, mas sim das “condições de produção de textos orais” e a “relação entre fala e escrita”. (SANTOS; MELO, 2019, p. 127)

O quadro 1 faz parte do documento normativo em estudo (BNCC, 2017), ele reúne as práticas de linguagem realizadas em convenções sociais orais. Nessa perspectiva, o tratamento destinado a essas práticas orais compreende as habilidades indicadas abaixo.

Quadro 1: Excerto 1 da BNCC

EIXO ORALIDADE	
Consideração e reflexão sobre as <b>condições de produção dos textos orais</b> que regem a circulação de diferentes gêneros nas diferentes mídias e campos de atividade humana	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Refletir sobre diferentes <b>contextos e situações sociais</b> em que se produzem textos orais e sobre as <b>diferenças em termos formais</b>, estilísticos e linguísticos que esses contextos determinam, incluindo-se aí a multimodalidade e a multissemiose.</li> <li>· Conhecer e refletir sobre as tradições orais e seus gêneros, considerando-se as práticas sociais em que tais textos surgem e se perpetuam, bem como os sentidos que geram.</li> </ul>
Relação entre fala e escrita	<ul style="list-style-type: none"> <li>· <b>Estabelecer relação entre fala e escrita</b>, levando-se em conta o modo como as duas <b>modalidades se articulam em diferentes gêneros</b> e práticas de linguagem (como jornal de TV, programa de rádio, apresentação de seminário, mensagem instantânea etc.), as semelhanças e as diferenças entre <b>modos de falar e de registrar o escrito</b> e os aspectos sociodiscursivos, composicionais e linguísticos de cada modalidade sempre relacionados com os gêneros em questão.</li> <li>· Oralizar o texto escrito, considerando-se as <b>situações sociais</b> em que tal tipo de atividade acontece, seus elementos paralinguísticos e cinésicos, dentre outros.</li> <li>· <b>Refletir sobre as variedades linguísticas</b>, adequando sua produção a esse <b>contexto</b>.</li> </ul>

Fonte: BRASIL (2017).

Observamos, no quadro 1, que o destaque é dado às condições de produção de textos orais, considerando os diversos gêneros, mídias e campos de atuação. Destaca também a relação entre fala e escrita. Assim, percebemos que o trabalho com a variação linguística terá lugar privilegiado nesse documento normativo.

O quadro 2 apresenta um excerto referente ao ensino de Língua Portuguesa, do 6º ao 9º ano.

Quadro 2: Excerto 2 da BNCC

PRÁTICAS DE LINGUAGEM	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
TODOS OS CAMPOS DE ATUAÇÃO		
Análise linguística/ semiótica	Variação linguística	<p><b>(EF69LP55)</b> Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.</p> <p><b>(EF69LP56)</b> Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.</p>

Fonte: BRASIL (2017).

De acordo com as habilidades estabelecidas, a BNCC (2017) sugere que os professores orientem os alunos sobre como ajustar seus usos linguísticos de acordo com diferentes situações sociocomunicativas, promovendo um uso consciente e reflexivo das regras e normas da norma-padrão, tanto na fala quanto na escrita, conforme a necessidade.

O referido trabalho está centrado em uma perspectiva funcional da língua, tendo como base teórica a defesa da variação, da mudança e da gramaticalização, objetivando estabelecer reflexões sobre como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) trata o objeto de conhecimento variação linguística, articulado aos eixos de Análise linguística/semiótica e Oralidade, no ensino fundamental. Tal estudo apresenta grande relevância para a presente pesquisa, uma vez que o objetivo central desse trabalho é a realização de um estudo teórico sobre as variedades linguísticas presentes em diferentes gêneros textuais da Língua Portuguesa. Buscando, ainda, fazer uma reflexão crítica sobre a linguagem no contexto histórico e dessa forma contribuir para um conhecimento mais objetivo da Sociolinguística em prol da educação linguística e do reconhecimento do fenômeno da variação linguística visando a uma análise crítica dos usos da língua como veículos de valores e preconceitos.

### 2.5.2 A variação linguística e os livros didáticos de português

Os livros didáticos (LD) constituem a principal ferramenta para o processo de letramento em muitos ambientes escolares do ensino público brasileiro, por isso a importância de fornecer ao público discente-docente livros de boa qualidade teórica e metodológica, sintonizados com os avanços das ciências da linguagem e da educação. (BAGNO-2013) portanto, a relevância do estudo da variação linguística nos livros didáticos na educação brasileira e, principalmente no ensino de língua materna, é notadamente percebida pelos diversos trabalhos publicados ao longo das últimas décadas.

Por outro lado, infelizmente, embora seja tema de muitos estudos, a variação linguística continua sendo tratada de forma superficial em muitas coleções de livros didáticos, segundo constata os estudos de Bagno (2013), Lima (2014), Araújo (2017), dentre outros. O trabalho de Lima (2014) acerca da variação linguística e os livros didáticos de português teve dentre outros objetivos principais: (i) fazer uma breve revisão das análises de livros didáticos quanto a sua relação com o tema da variação linguística; (ii) apresentar novas análises de livros didáticos a partir de uma ótica distinta das realizadas anteriormente; e (iii) formular propostas de novas perspectivas sobre o tratamento que se pode dar a esse tema e sua inserção em materiais didáticos. O estudo abordou de forma bastante relevante a importância de estudar a

questão da VL não apenas de forma pontual e isolada, mas ao contrário de forma contínua em todos os conteúdos presentes no LD.

É notório que a elaboração de um livro didático constitui uma tarefa de grande complexidade, independente do segmento ou da disciplina a que se destina. Dessa forma, seus elaboradores precisam atender a uma grande demanda de orientações e ainda seguir os parâmetros indicados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Dentre os parâmetros, Lima (2014) destaca três: a intertextualidade, a cidadania e a heterogeneidade. Argumenta que os três formam um encadeamento que aborda naturalmente o tema da variação linguística.

Os estudos indicam a superficialidade com que os livros didáticos cumprem a exigência de incluir a variação linguística em seu conteúdo. Tratando esse fenômeno, inerente a todas as línguas, apenas como mais um conteúdo isolado em um capítulo. Desperdiçando, dessa forma, um excelente recurso de estudo e aprendizado da língua.

Bagno (2013) constatou, em seu trabalho, que praticamente todas as coleções analisadas traziam referência à variação linguística, seja em unidades específicas ou dentro de unidades maiores. No entanto, esse fato, que já representa um avanço com relação à educação linguística, tem seu valor positivo anulado pelos muitos e sérios problemas no tratamento dado ao tema, conforme detectado na maioria das coleções estudadas.

De acordo com Bagno (2013),

É forçoso constatar que o recurso à terminologia e aos conceitos da Sociolinguística serve apenas como malabarismos retóricos para, no fim das contas, continuar a prescrever e a impor um modelo um modelo mitificado e mistificador de “língua certa”, distante de qualquer modalidade de uso real, incluindo aí a língua escrita mais monitorada contemporânea. A existência da variação é reconhecida tão somente para, mais adiante, ser abandonada em nome dessa utopia linguística. (BAGNO, 2013. P. 51)

Percebemos a crítica que o autor faz ao que chama de “língua certa”, um modelo enganoso o qual se impõe como certo, mesmo estando longe de qualquer modalidade de uso real. E também constata que a variação é aceita nos LD, no entanto será abandonada em nome de uma utopia linguística.

O uso de conceito de “informalidade” é criticado de forma severa por Bagno (2013), pois, para ele, o termo é apenas um substituto de aparência “politicamente correta” para o rótulo tradicional de “erro”, uma vez que os aparentes desvios da norma culta surgem metodicamente atribuídos a uma “linguagem informal” (também chamada “coloquial” ou “popular”). Essa denominação apresenta-se de forma preconceituosa na medida em que não corresponde à realidade dos usos falados e também escritos por parte dos falantes urbanos altamente letrados.

Para Bagno (2013),

O uso da noção de “informalidade” é acompanhado da tentativa de ensinar um modelo nebuloso de língua que vem designado sob nomes variados e equivocados. O que, tristemente, se constata é que os LD se apegam a um padrão idealizado de língua que não só está distante do que é de fato o *português brasileiro culto contemporâneo* como também se mostra mais rígido e inflexível do que a norma-padrão descrita nos compêndios gramaticais e nos dicionários assinados por filólogos e gramáticos dos mais conceituados. (BAGNO, 2013, p. 45)

Concluimos, então, que a análise de Bagno (2013) revelou que os livros didáticos (em sua maioria) propõem como projeto de ensino um modelo irreal e irracional de “correção linguística”, que serve como uma barreira contra toda e qualquer tentativa de validação, ainda que mínima, de variantes inovadoras, mesmo que essas já estejam há muito tempo incorporadas à gramática do português brasileiro. Portanto, assegura o autor, trata-se de uma tentativa de *falsear a realidade* para favorecer a permanência de uma ideologia linguística marcadamente conservadora e retrógrada.

**Quadro 3. Os sintomas – os sete erros – que apontam para a inconsistência teórica no tratamento dado ao fenômeno da variação linguística nos livros didáticos de português, relatados por Bagno (2013).**

- |  |
|--|
| <ol style="list-style-type: none"> <li>1. A falsa sinonímia “norma-padrão” = “norma culta”;</li> <li>2. A desconsideração da variação estilística (grau de monitoramento da expressão falada e/ou escrita) presente em todo e qualquer uso da língua;</li> <li>3. A classificação do padrão como uma “variedade”;</li> <li>4. A redução do fenômeno de variação linguística às variedades rurais, “caipiras” ou de falantes pouco escolarizados;</li> <li>5. Uma concepção homogênea de “escrita” tomada como ideal linguístico;</li> <li>6. O emprego do termo <i>regra</i> para se referir exclusivamente às injunções da tradição normativa, como se as variedades “não padrão” não tivessem suas próprias regras gramaticais;</li> <li>7. A proposta de exercício de “passar para a norma culta”, tida como intrinsecamente “melhor” do que qualquer outra.</li> </ol> |
|--|

Fonte: BAGNO (2013, p.46).

O quadro 3 mostra um resumo dos sintomas que apontam para a inconsistência teórica nos estudos da variação linguística apresentada na pesquisa de Bagno (2013).

### ***2.5.2.1 Variação linguística e o ensino de português***

De acordo com Vieira e Freire (2014), nos últimos anos, diversos estudos sociolinguísticos têm analisado o português do Brasil em suas formas falada e escrita, proporcionando uma compreensão mais profunda da realidade linguística do país. Essa realidade, muitas vezes, difere significativamente das normas gramaticais tradicionais que fundamentam o ensino do Português. Desse modo, através desses estudos, podemos conhecer o complexo jogo de inter-relações entre as variantes coexistentes em uma mesma comunidade linguística.

Por conseguinte, a progressão desses estudos repercutiu nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o Ensino Fundamental que reconhecem o fenômeno da variação linguística:

Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais. Mais ainda, em uma sociedade como a brasileira, marcada por intensa movimentação de pessoas e intercâmbio cultural constante, o que se identifica é um imenso fenômeno de mescla linguística, isto é, em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais. (Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Brasil, 1998: p.29)

O documento reconhece que as variedades são dinâmicas e coexistem em um mesmo espaço social, embora sejam atribuídas a elas diferentes valorações. Apesar da importância do reconhecimento das variedades linguísticas, sua aplicação de forma efetiva ao ensino no PB ainda é muito superficial, porque o mesmo documento apresenta a escrita e a chamada língua padrão como os objetivos de ensino-aprendizagem na escola. Segundo Vieira e Freire (2014), “sem esclarecer suficientemente que língua padrão seria essa: a dos compêndios gramaticais ou a efetivamente usada pelos brasileiros cultos em eventos de letramento?” E a escola? Como fica diante desse impasse? Infelizmente, percebemos que os modelos linguísticos de norma-padrão empregado pelas escolas, tanto em seus materiais didáticos, como nas inúmeras ações desenvolvidas pelos professores, dificilmente coincidem com a escrita culta brasileira presente em diversos textos cujos gêneros apresentam estruturas consideradas prestigiosas.

Dessa maneira, parte-se do princípio de que entender as normas de uso legítimas praticadas pelos brasileiros escolarizados é crucial para o sucesso escolar, especialmente no cumprimento do objetivo de ensinar língua portuguesa, que inclui desenvolver habilidades em outras variantes linguísticas além das já conhecidas pelos estudantes.

De acordo com Vieira e Freire (2014),

Considerando os propósitos explicitamente assumidos nos documentos oficiais e em diversas propostas didático-pedagógicas para o ensino de Língua Portuguesa, referentes ao desenvolvimento da competência de leitura e produção textual em diversos gêneros, orais ou escritos, cabe aos sociolinguistas descrever as estruturas que pertencem às normas/variedades cultas, na língua oral e na escrita brasileiras, de modo a permitir que se avalie a proximidade ou a distância dessas normas em relação (i) a outras normas já dominadas pelos estudantes quando chegaram à escola (as normas vernaculares); e (ii) a outras normas que se apresentam nos diversos gêneros textuais trabalhados nas aulas de Português, que lidam com materiais da sincronia atual e até de outras sincronias. (VIEIRA; FREIRE,2014, p.84)

Com isso, os autores destacam a importância de os sociolinguistas descreverem as normas cultas da língua a fim de auxiliar no ensino e na avaliação da competência linguística dos estudantes, considerando tanto suas experiências prévias com a linguagem quanto a diversidade de variedades linguísticas presentes nos diferentes contextos de comunicação. Portanto, com relação à avaliação da proximidade ou distância das normas, é importante avaliar o quão próximo ou distante os estudantes estão das normas cultas em relação a outras variedades linguísticas. Isso inclui comparar as normas cultas com as variedades vernaculares (ou seja, as formas de linguagem comumente usadas na fala cotidiana) que os estudantes já dominam antes de ingressarem na escola. Além disso, também é necessário comparar as normas cultas com as variedades presentes em diferentes gêneros textuais, levando em consideração suas características específicas e contextos de uso.

Um dos objetivos do ensino de língua materna é desenvolver a capacidade comunicativa dos usuários da língua, dessa forma para promover a habilidade de comunicação dos falantes da língua, é fundamental que a escola acolha a diversidade de discursos. Parte dessa diversidade está relacionada às diferentes formas de linguagem, que são frequentemente avaliadas de acordo com critérios de valor pela sociedade. Isso significa que as variedades linguísticas são comumente julgadas como corretas ou incorretas, aceitáveis ou inaceitáveis, divertidas ou ridículas, refletindo uma perspectiva tradicionalmente estabelecida.

Sabemos que devemos usar a língua de modos variados de acordo com as diferentes situações de interação social. Dessa forma, não existe motivo para que, ao realizar atividades de ensino-aprendizagem em língua materna, insistamos em empregar a norma culta como modelo a ser seguido unicamente. Dessa forma, desqualifica as demais variedades pertencentes à língua.

### *2.5.2.2 A variação da concordância de número no português brasileiro*

De acordo com as pesquisas sociolinguísticas, a saliência fônica e a posição dos elementos no sintagma são os aspectos linguísticos mais relevantes para a ocorrência da variação na concordância. Aliado a esses aspectos, também é importante destacarmos a escolaridade dos falantes como um aspecto social importante para a compreensão da variação da concordância de número no PB.

Segundo Castilho (2010), no português brasileiro,

A concordância não pode ser descrita em termos de regras categóricas. A postulação de regras variáveis capta melhor o que ocorre aqui, dada a complexidade dos fatores determinantes e a instabilidade em sua execução em nossa língua. (Castilho; 2010. p. 273).

Entendemos, então, que a concordância na língua não pode ser rigidamente definida por regras fixas, como é retratada nas gramáticas tradicionais. Em vez disso, é melhor compreendê-la através de regras que podem variar dependendo de uma série de fatores, como contexto, estilo de fala, nível de formalidade, entre outros. Portanto, é mais adequado considerar a concordância como um fenômeno que pode ser influenciado por diferentes variáveis, ao invés de ser regido por regras absolutas e inflexíveis.

#### *2.5.2.2.1 A concordância no sintagma verbal*

De acordo com Cardoso e Cobucci (2014), a concordância de número e sua variação pode ser melhor compreendida com a análise comparativa para os processos morfossintáticos que ocorrem em outras línguas. Como exemplo o quadro 4, em que as autoras comparam o mesmo verbo no presente do modo indicativo em línguas diferentes. Dessa forma, ao compararmos os processos morfossintáticos que ocorrem em outras línguas com o Português, entendemos melhor a complexidade da concordância verbal e sua variação no PB.

**Quadro 4: Conjugação do verbo “comer” no presente do indicativo em português, italiano, inglês e japonês.**

Português	Italiano	Inglês	Japonês
Eu <b>como</b>	Io <b>mangio</b>	I <b>eat</b>	Watashiga <b>taberu</b>
Tu <b>comes</b>	Tu <b>mangi</b>	You <b>eat</b>	Anataga <b>taberu</b>
Ele <b>come</b>	Lui <b>mangia</b>	He <b>eats</b>	Karega <b>taberu</b>
Nós <b>comemos</b>	Noi <b>mangiamo</b>	We <b>eat</b>	Watashitachiga <b>taberu</b>
Vós <b>comeis</b>	Voi <b>mangiate</b>	You <b>eat</b>	Anatatachiga <b>taberu</b>
Eles <b>comem</b>	Loro <b>mangiano</b>	They <b>eat</b>	Karetachiga <b>taberu</b>

Fonte: CARDOSO; COBUCCI (2014, p.78)

Observando o quadro comparativo, inferimos que o Português e o Italiano são as línguas com maior marcação morfológica das desinências verbais. Enquanto no Inglês e no Japonês essa marcação no verbo é mínima.

Na língua portuguesa, a marcação morfológica das desinências de número e de pessoa nos verbos é bastante produtiva, podendo o falante optar pela realização explícita ou não do sujeito. Por isso, em determinados contextos, o sujeito pode ser reconhecido pelas desinências de número e pessoa, situação diferente do que ocorre no inglês, por exemplo, em que é necessário a lexicalização do sujeito. (Cardoso e Cobucci (2014)).

Os Estudos atestam uma mudança significativa com relação à morfologia verbal, pois o modo como falamos e/ou escrevemos atualmente difere do português do séc. XVI. Um exemplo bastante significativo, é a entrada do “você” e do “a gente” no quadro pronominal brasileiro pelo processo de gramaticalização. Isso ocorre, porque o pronome de tratamento “você” passa a atuar como pronome pessoal, em substituição ao pronome pessoal “tu” de 2ª pessoa em muitas regiões do Brasil, esse uso denotando um caráter de informalidade e intimidade. Convém ressaltar que, embora seja um pronome morfológicamente de 3ª pessoa, o verbo para o “você/vocês” tem a mesma morfologia do verbo para “ele/eles”, tal situação também ocorre com o pronome “tu” nas regiões em que ainda é utilizado. Conforme explica Cardoso e Cobucci (2014), nos exemplos abaixo:

### Quadro 5: Exemplo de perda da marcação flexional de número e pessoa

Eu <b>como</b>
Você/tu/ele/ a gente <b>come</b>
Nós <b>comemos</b>
Nós <b>come</b>
Você/eles <b>comem</b>
Vocês/eles <b>come</b>

Fonte: CARDOSO; CABUCCI (2014, p. 80)

As autoras também concluem, a partir dos estudos realizados, que, através de um processo natural e lento de mudança linguística, o sujeito nulo está diminuindo, enquanto o sujeito realizado torna-se cada vez mais necessário. Dessa forma, são mais comuns sentenças como: “Eu estudei muito ontem.” Do que sentenças como: “Estudei muito ontem”, tanto na fala quanto na escrita.

#### 2.5.2.2.2 A concordância verbal de 3ª pessoa no português brasileiro

Na visão das gramáticas normativas, chamamos de concordância verbal a relação entre o sujeito e o verbo em uma oração, em que o verbo combina com seu sujeito (e às vezes com seu predicativo) em número e pessoa. Bechara (2009, p.544) esclarece que “a concordância pode ser estabelecida de palavra para palavra ou de palavra para sentido”. Essa concordância, de palavra para sentido, é conhecida como concordância ideológica ou silepse, sendo seu emprego considerado como um recurso expressivo (figura de linguagem) pelas gramáticas tradicionais. Na frase: “A plebe *vociferava* as mais afrontosas injúrias contra D. Leonor: e se *chegassem* a entrar no paço, ela sem dúvida seria feita pedaços pelo tropel furioso.” (Bechara, 2009) Observamos que o verbo *vocifera* encontra-se no singular para concordar com o sujeito *plebe*, já o verbo *chegassem* está no plural, porque concorda com o conteúdo semântico de pluralidade do coletivo *plebe*.

Para Scherre (2005),

A concordância verbal em português não é regida pelo núcleo do sujeito, mas por TRAÇOS, que podem aparecer também em funções sintáticas, a saber, no núcleo do adjunto ou do complemento nominal e no núcleo do predicativo. Normalmente os traços controladores da concordância – o principal deles é o número sintático no singular ou plural – concentram-se no núcleo do sujeito, provocando-se a ilusão de que é o núcleo do sujeito que controla a concordância e que os demais casos são particulares ou especiais. (Scherre 2005, p.134)

Com isso, percebemos, que as gramáticas tradicionais destacam que o sujeito comanda a flexão do verbo, no entanto, tratam como exceções outros traços, com funções sintáticas diferentes, que, também, podem orientar a concordância verbal. Bagno (2012) legitima a hipótese defendida por Scherre (2005) assumindo claramente que, ao contrário do que se acreditava, é o sujeito que concorda com o verbo. O autor baseia-se, principalmente, no argumento do núcleo sentencial verbal, na medida em que “o verbo é que projeta seus valores semânticos sobre os demais elementos da sintaxe para maior eficiência discursiva da sentença” (BAGNO, 2012, p. 647).

Cardoso e Cabucci (2014) asseveram que são exemplos dessa concordância regida por traços, citada por Scherre (2005), o sujeito formado por núcleo seguido por adjunto preposicionado, em que o verbo aparece no singular ou no plural em ocorrências de fala ou de escrita. Conforme exemplificado abaixo.

#### **Quadro 6: Exemplo de concordância regida por traços.**

- (1) O filho de duas amigas **fugiram** (Cardoso, 2005).
- (2) O peso dos trajes **representam** ... (Scherre, 2005).
- (3) As mudanças do momento político **pode** provocar um aumento ... (Scherre, 2005).

Fonte: CARDOSO; COBUCCI (2014, p. 84)

Outros exemplos, que corroboram a hipótese de Scherre (2005), incluem situações em que o sujeito é composto por um núcleo percentual, acompanhado ou não de um adjunto, e casos em que o sujeito é partitivo ou quantitativo, seguido de um adjunto preposicionado. Nessas circunstâncias, o verbo pode estar no singular ou no plural, mesmo em textos mais monitorados.

#### **Quadro 7: Exemplo de concordância de sujeito com núcleo percentual.**

- (4) 60% **acham** que o problema da fome deve ser resolvido ... (*Jornal do Brasil*).
- (5) 67,5 % **acha** que a solidão de vez em quando é boa” (*Folha de S. Paulo*).
- (6) 90% dos prematturos **saem** da maternidade mamando (*Jornal do Brasil*).
- (7) 64% dos pesquisados **recebe** no máximo uma visita por semana (*Folha de S. Paulo*).
- (8) Três quartos da produção industrial são gerados **são** gerados na região de Bangcoc (*O Estado de S. Paulo*).
- (9) Ele avalia que dois terços do legislativo brasileiro **é** corporativo. (*Jornal do Brasil*).

Fonte: CARDOSO; COBUCCI (2014, p. 84)

Consoante Cardoso e Cobucci (2014), também explicam as afirmações de Scherre (2005), os casos de sujeitos pospostos, em que ocorre o rompimento da ordem sentencial canônica sujeito seguido de verbo, tanto na fala quanto na escrita.

#### **Quadro 8: Exemplo de concordância de sujeito pospostos.**

- (10) **É** muito cara as passagem (Cardoso, 2005).  
 (11) **Casou** quatro amiga minha (Cardoso, 2005).  
 (12) Lá é muito perigoso, é ponto onde **fica** os mala (Cardoso, 2005).  
 (13) **Foi** comentado notícias sobre o Conselho Universitário ... (Ata reunião UFRJ, *in*: Scherre, 2005:25).  
 (14) Após o vencimento **será** cobrado juros e taxas de permanência ... (Ponto de Vista, *in*: Scherre, 2005:25).

Fonte: CARDOSO; COBUCCI (2014, p. 84)

Ainda com relação à posição do sujeito na sentença, é importante ressaltar a proximidade entre o verbo e o núcleo do sujeito, porque a relação de concordância fica mais evidente com a proximidade entre ambos. Acerca disso, Naro (1981, p.79) esclarece: “a relação posicional é mais saliente quando o sujeito, que é determinante, está imediatamente anteposto a determinado verbo”. Ou seja, quanto mais perto estiver o sujeito do verbo, maior será a concordância. Por outro lado, quanto maior for a distância entre sujeito e verbo, menor será a concordância entre eles. Cardoso e Cobucci (2014) citam alguns exemplos sobre essa questão:

#### **Quadro 9: Exemplo de concordância relacionada a posição entre sujeito e verbo.**

- (15) As ameaças dos bombardeios da Otan **provocou** ... (*Correio Brasiliense*, *in*: Scherre, 2005:49).  
 (16) As coisas que vinha na minha cabeça já **acabou** tudo (Cardoso, 2005).

Fonte: CARDOSO; COBUCCI (2014, p. 85)

Outra justificativa para a concordância regida por traços é o princípio cognitivo do paralelismo, “que possibilita ao ser humano fazer agrupamentos, formar blocos pelas semelhanças formais, que encontra sua atuação maximizada quando atua em conjunção com a função, no sentido mais amplo que se possa atribuir a este termo” (Scherre, 1998, p.50). Conforme exemplificado por Cardoso e Cobucci (2014).

**Quadro 10: Exemplo de concordância regida pelo princípio cognitivo do paralelismo.**

(17) Na época mesmo que eu casei, **casou** quatro amiga minha também, comigo **era** cinco, mas só quem vive com os marido só **é** eu e uma amiga, as outras não **vive** porque elas **disse** que elas mesmo não, que não **ia** aguentar abuso de homem (Cardoso, 2005).

(18) Ele ia pro trabalho e, quando chegou na esquina, os cara **tomaram** a rente dele lá. Ele foi experiente. Quando ele saiu de casa, ele pegou o dinheiro, enfiou dentro da meia. Aí ficou só com trocadinho na carteira dele. Aí ele quis reagir. **Pegaram** ele, **botaram** ele no chão, **tiraram** a roupa dele (Cardoso, 2005).

(19) Pede-se aos interessados que nos **enviem** seus nomes, endereços, cursos de pós-graduação que **está** ligado, disciplinas de interesse. Favor informar se **tem** solução própria para alojar-se no Rio ou se **gostaria** de contar com nossas providências (Abralín, *in*: Scherre, 2005:29).

Fonte: CARDOSO; COBUCCI (2014, p. 85)

Portanto, a concordância verbal pode ser influenciada pelo princípio cognitivo do paralelismo. Esse princípio facilita a organização mental de informações semelhantes, e essa organização pode influenciar a escolha da concordância.

Outro aspecto importante para explicar a variação de concordância verbal no PB é a saliência fônica do verbo, uma característica situada no nível morfofonológico.

**Quadro 11: Hierarquia de saliência fônica do verbo (“~” significa alternando).**

Nível IA <b>come ~comem</b>
Nível IB <b>fala ~falam</b>
Nível 2A <b>dá ~ dão</b>
Nível 2B <b>comeu ~comeram</b>
Nível 2C <b>falou ~falaram</b> <b>disse ~ disseram</b> <b>é ~são</b>

Fonte: CARDOSO; COBUCCI (2014, p. 86)

Com base em estudos apresentados por Naro (1981), compreendemos que a ausência clara da marca de plural, especialmente na terceira pessoa, ocorre devido à sutil diferença na distinção entre singular e plural em formas verbais, como "come" alternando com "comem". A retenção dessa marca é mais comum em verbos nos quais a distinção entre singular e plural é mais evidente, como em "é" alternando com "são".

Com base no exposto, com relação à concordância verbal, percebemos a inexistência de uma regra geral e exceções a essa regra, conforme postulado pela maioria das gramáticas

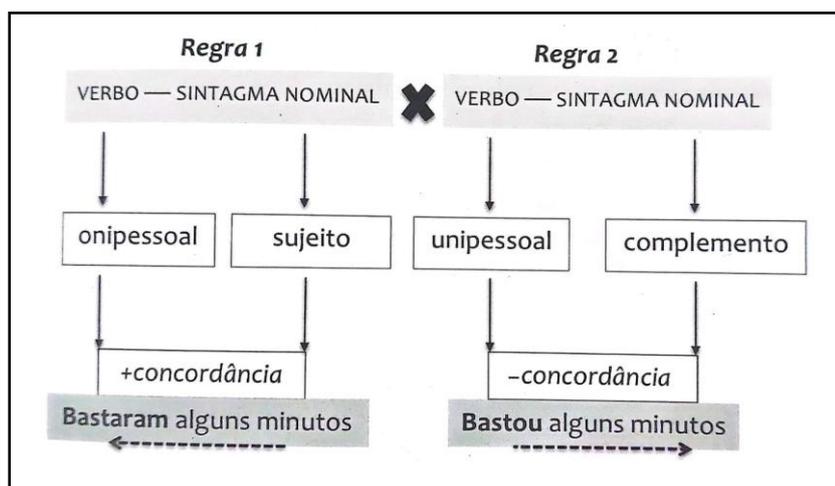
tradicionais. O que realmente existe é uma abordagem mais científica e contemporânea para compreender como esse fenômeno linguístico opera, que reconhece a sua complexidade inerente e evita fazer avaliações de valor sobre as manifestações linguísticas que não se encaixam nas normas linguísticas consideradas padrão.

De acordo com Vieira e Freire (2014), estudos sociolinguísticos revelam que algumas variáveis são relevantes para o condicionamento da concordância verbal e citam os contextos que desfavorecem a aplicação da regra: sujeito posposto ao verbo; sujeito anteposto, mas distante do verbo e o verbo isolado na cadeia discursiva.

Com relação a esse tema, Bagno (2013) já destacava, baseado nos postulados da linguística moderna, que todos os modos de falar são lógicos e seguem uma gramática própria. Dessa forma frases como “chegou os produtos que você encomendou” segue uma regra gramatical tão coerente e eficiente quanto a que se encontra em “chegaram os produtos que você encomendou”. Em vista disso, o autor reafirma a impossibilidade de falar ou escrever sem obedecer às regras gramaticais.

Conforme esclarece Bagno (2013), estamos diante de uma regra gramatical inovadora que entrou em concorrência com a regra mais antiga e a comprovação disso é a regularidade com que enunciados surgem ao nosso redor inclusive em textos escritos formais.

**Figura 2: Regra gramatical inovadora.**



Fonte: BAGNO (2013, p. 49)

A regra 1, representada na construção “Bastaram alguns minutos”, é a representada pela tradição normativa, já regra 2, representada na construção “Bastou alguns minutos” e usada pelos falantes do PB, é o exemplo da regra gramatical inovadora, que se encontra explicada nas gramáticas mais recentes, escritas por linguistas profissionais (Perini, 2010; Castilho, 2010;

Bagno, 2012). O autor argumenta que a regra nova (Bastou alguns minutos) se formou, provavelmente, devido à fixação da ordem SVC (sujeito-verbo-complemento) na sintaxe do PB, porque nesta ordem a concordância acontece **da esquerda para a direita**. No entanto, quando se inverte essa ordem, e a sintaxe se encadeia **da direita para a esquerda**, ou seja, ao contrário do movimento mais natural da fala brasileira, o vínculo de concordância deixa de ser percebido pelo falante.

Portanto, para Bagno (2013) a regra básica é: “**não se faz concordância com elementos deslocados à direita.**” Dessa forma, percebemos uma regra notoriamente estabelecida na fala e na escrita dos falantes brasileiros mais letrados, urbanos, altamente escolarizados.

Conforme comprovam os diversos estudos sociolinguísticos, a concorrência entre regras variantes causa mudanças linguísticas, em que a regra mais antiga tende a desaparecer ou a ser utilizada por um número reduzido de usuários. Por outro lado, a regra mais recente se estabelece no sistema da língua, podendo, no futuro, ser influenciada por uma regra ainda mais recente.

Assim, considerando a compreensão da sistematicidade funcional de todas as variedades linguísticas, muitos linguistas têm consistentemente se oposto a qualquer forma de discriminação social baseada na ideia equivocada de que algumas pessoas falam incorretamente e, portanto, estão destinadas a ocupar posições sociais inferiores. Não obstante, o emprego da concordância verbal representa um traço importante relacionado à expressão norma culta, de modo que, infelizmente, sua ausência acaba por desqualificar o usuário da língua, visto que constitui, como postulou Labov (2008), um estereótipo linguístico.

Para Bagno (2012),

O ensino da concordância deve se fixar nos casos que provocam maior rejeição por parte dos falantes das VUP [variedades urbanas de prestígio], ou seja, a continuidade ou proximidade de sujeito e verbo – eles ainda não chegaram, todas as meninas gostaram do filme, nós tínhamos viajado juntos. Os demais, tão frequentes até mesmo nos GTM [gêneros textuais mais monitorados], podem ser examinados e discutidos em sala de aula como demonstrações de riqueza de possibilidades que os falantes de uma língua criamos para nós mesmos. (BAGNO, 2012, p.657)

Assim, o autor enfatiza a necessidade de ensinar a concordância verbal, priorizando os casos mais sensíveis para os falantes das VUP, ao mesmo tempo em que reconhece e celebra a variedade e a criatividade linguísticas presentes na comunicação cotidiana.

### 3 METODOLOGIA

Esta dissertação se constitui de uma pesquisa sobre a variação linguística em Língua Portuguesa direcionada ao 8º ano do Ensino Fundamental. Mediante a perspectiva adotada, a pesquisa aqui proposta se classifica como propositiva, uma vez que foi realizada a partir do procedimento de pesquisa bibliográfica, em que buscamos, na literatura disponível, conceitos e posicionamentos que contribuíram para novas reflexões sobre o tema abordado. Baseado nesses estudos, foi produzido um material didático propositivo (caderno pedagógico) com o objetivo de contribuir para o ensino e a valorização do fenômeno da variação linguística.

Nesta pesquisa, a ação foi realizada a partir da apreciação e da análise do fenômeno da variação linguística em diferentes gêneros (tirinha, crônica, charge, poema, música, filmes), e seu impacto no contexto escolar e na sociedade. É importante destacar que o foco foi a escrita e a oralidade. A base teórica para o desenvolvimento do presente estudo foi as diversas pesquisas acerca do tema na perspectiva da Sociolinguística variacionista. Também com o estudo dos trabalhos dos autores Bortoni-Ricardo (2014; 2017); Bagno (2007; 2013; 2014) Rocha (2014); Lima (2014), Morais (2015); Marques; Baronas (2015); Razky; Feitero (2015), Labov (2008), Monteiro (2000), dentre outros.

A pesquisa resultou no desenvolvimento de um material didático propositivo que poderá ser utilizado por professores do Ensino Fundamental anos finais. Embora nossa proposta esteja direcionada para alunos do 8º ano, não excluímos a possibilidade de que professores possam utilizar o material em outras séries ou adaptá-lo para abordar temas específicos das escolas em que atuam.

Nosso foco nas atividades foi a compreensão, o reconhecimento e a análise da variação linguística em gêneros diversos, bem como sua contribuição para o entendimento de questões de escrita e de concordância. No caso, as atividades foram organizadas em 20 aulas, cada aula com duração de 50 minutos, totalizando uma carga horária de 20 horas/aula.

Nas atividades propostas no caderno pedagógico, diferentes gêneros textuais foram abordados como forma de enriquecimento da temática, dentre os quais foram priorizados os gêneros que mais se aproximavam da língua em efetivo uso na sociedade. Na reescrita das produções, trabalhamos a sequência argumentativa e os mecanismos de textualização, escolhidos para o aprimoramento da escrita dos estudantes. Nesse contexto, é importante destacar que a pesquisa propôs um conjunto de atividades propositivas fundamentadas na experiência da pesquisadora, que atua como professora há mais 28 anos, sendo que desses, quase duas décadas foram dedicadas, exclusivamente, ao trabalho com estudantes da rede

pública.

### 3.1 Procedimentos metodológicos

Para iniciar a pesquisa, foi necessário delimitar claramente o tema da variação linguística no contexto do português brasileiro. A partir dessa delimitação, formulamos a seguinte questão de pesquisa: “Como o conhecimento das variedades linguísticas pode contribuir para melhorar o desempenho dos alunos com relação a compreensão do contexto de produção e para a proficiência leitora?”

Em seguida, estabelecemos critérios para a seleção das fontes bibliográficas a serem analisadas. Foram analisadas fontes que abordam diretamente a variação linguística no contexto do português brasileiro, obras e artigos de autores reconhecidos na área de linguística e sociolinguística, publicados em revistas acadêmicas e livros de editoras respeitadas. Demos preferência por trabalhos mais atualizados, publicações dos últimos 10 anos, exceto quando se trata de estudos clássicos e fundamentais para o tema.

Realizamos uma busca sistemática nas seguintes bases de dados e bibliotecas digitais: Google acadêmico, SciELO, CAPES Portal de Periódicos e a biblioteca da universidade (UFC). Utilizamos palavras-chave específicas, como "variação linguística", "português brasileiro", "sociolinguística", "dialetos", e "variação de número no português brasileiro".

Em nossa busca, foram encontradas diversas pesquisas de relevância dentro do tema da dissertação. Podemos citar, dentre outros, os estudos que abordaram a VL e o livro didático, como exemplo o artigo de Araújo e Pereira (2017), que discutiu algumas das propostas para o trabalho com a variação linguística no ensino formal de língua materna e analisar como esse fenômeno é abordado no livro didático *Vontade de saber português* (ALVES; BRUGNEROTTO, 2012), mais precisamente no volume direcionado aos alunos do 6º ano do ensino fundamental da rede pública. Também o artigo de Boronas e Marques (2015) com o tema a pedagogia da VL e o preconceito linguístico que analisa as atitudes positiva ou negativa a respeito do uso das variedades linguísticas e demonstra a necessidade de abordar esse tema nas instituições escolares a fim de minimizar a ocorrência do preconceito linguístico.

Com base na revisão bibliográfica, elaboramos propostas teóricas e práticas que podem contribuir para o entendimento e valorização da variação linguística. Isso incluiu sugestões de intervenções pedagógicas e recomendações para políticas linguísticas que promovam a diversidade linguística e cultural.

#### 4 DISPOSITIVO DIDÁTICO

O caderno pedagógico tem como objetivo desenvolver um estudo sobre a variação linguística visando à redução das dificuldades de escrita e de concordância (verbal e nominal) em textos produzidos por alunos do 8º ano do ensino fundamental.

O foco das atividades será a concordância, visto que o emprego de uma variedade diferente da chamada norma-padrão representa uma forma estigmatizada, que acaba por fomentar, ainda mais, o preconceito linguístico.

Assim, desenvolvemos uma proposta didática, com uma sequência de oito atividades organizadas em duas partes. Na primeira parte, formulamos tarefas sobre a variação linguística de forma geral, explorando os fatores extralinguísticos que contribuem para a ocorrência desse fenômeno. Já na segunda parte, as atividades são direcionadas à variação de concordância de número no português brasileiro. Além das atividades, o material apresenta sugestões de como conduzi-las em sala de aula.

Elaborar um material didático que explore a variação linguística, um tema tão rico e significativo no ensino da língua portuguesa, constitui um grande desafio. Apesar de estar em evidência nos documentos oficiais da educação, a variação linguística ainda é pouco explorada nos livros didáticos do ensino fundamental, conforme constatamos ao longo desta pesquisa.

O quadro, a seguir, apresenta a organização das atividades no caderno pedagógico e o número de aulas destinadas à realização de cada uma.

**Quadro 12: Organização das atividades no caderno pedagógico.**

ATIVIDADE	ASSUNTO	NÚMERO DE AULAS
1	Variação linguística / Toda língua é um feixe de variedades	2
2	Entendo os tipos de variação	2
3	Compreendendo a variação diacrônica	2
4	Variedades da língua falada	2
5	Reconhecendo as variedades linguísticas	2
6	De olho na concordância	4
7	Linguagem: uma questão de adequação	2
8	Variedades de concordância	4

## 4.1 Sequências de atividades

4.1.1 ATIVIDADE 1 - Variação linguística / Toda língua é um feixe de variedades / Gênero: filme (Gênero discursivo oral).

Esta atividade é a apresentação do assunto, que será feito com a exibição de um trecho do filme (Cidade dos homens) como exemplo das diferentes formas de se dizer uma mesma informação. (No trecho do filme, a professora apresenta um conteúdo de história do Brasil para uma turma de alunos do oitavo ano).

As habilidades da BNCC trabalhadas serão: (EF69LP03) Adequar o nível de formalidade da fala aos temas, contextos/situações, interlocutores. E (EF69LP05) Respeitar a variação linguística por características sociais, regionais, urbanas e rurais da fala, rejeitando preconceitos linguísticos.

O professor(a) informará à turma que apresentará um trecho de um filme, citando a época e o contexto da história. Em seguida, ocorre a exibição de um trecho de filme (Cidade dos homens) como exemplo das diferentes formas de se dizer uma mesma informação. Após assistir ao vídeo, os alunos falarão suas primeiras impressões acerca da cena retratada. Neste momento, os alunos irão refletir sobre o trecho respondendo aos questionamentos propostos na atividade.

Com a orientação do professor, os alunos irão perceber que a mesma informação foi transmitida de uma forma diferente, em uma variedade presente na comunidade em que os personagens do filme residem. Após a socialização das possíveis respostas encontradas, o professor (a) solicitará aos alunos que eles façam um levantamento das palavras, empregadas na fala do personagem Acerola, que são indicativos de seu local de moradia e de sua condição social.

4.1.2 ATIVIDADE 2 - Entendo os tipos de variação / GÊNERO: cartum, quadrinho, memes.

A atividade pretende apresentar os fatores extralinguísticos que contribuem para a variação linguística, bem como analisar como esse fenômeno se manifesta em diferentes contextos.

As habilidades da BNCC trabalhadas serão: (EF69LP05) Respeitar a variação linguística por características sociais, regionais, urbanas e rurais da fala, rejeitando preconceitos linguísticos. E (EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-

padrão e o de preconceito linguístico.

O professor (a) explicará os fatores sociais que auxiliam na identificação dos fenômenos de variação linguística. (geográfico, status socioeconômico, escolaridade, idade...) E, através das ferramentas digitais, os alunos terão acesso a anúncios, cartuns, tirinhas e memes da internet. Sobre a orientação do professor, os alunos comentarão suas impressões sobre os textos e as respostas às questões da atividade.

#### 4.1.3 ATIVIDADE 3 – Compreendendo a variação diacrônica / GÊNERO: crônica.

A atividade terá como suporte a crônica “Antigamente” de Carlos Drummond de Andrade e tem como objetivos: identificar elementos literários e linguísticos utilizados pelo autor e refletir sobre as mudanças culturais e linguísticas ao longo do tempo.

As habilidades da BNCC trabalhadas serão:(EF69LP15) Reconhecer, em textos literários, formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas, considerando o momento e o local de sua produção e autoria; (EF69LP05) Respeitar a variação linguística por características sociais, regionais, urbanas e rurais da fala, rejeitando preconceitos linguísticos; (EF07LP34) Empregar as regras básicas de concordância nominal e verbal em situações comunicativas e na produção de textos.

Nesta atividade, será feita a leitura de uma crônica em que aparecem muitas palavras desconhecidas para os alunos, portanto haverá a necessidade de uma consulta ao dicionário. Após a leitura coletiva do texto, os alunos serão divididos em pequenos grupos para o desenvolvimento da atividade, que será realizada no laboratório de informática (sala de interação). Na sequência, será feita a sociabilização das possíveis respostas e a leitura dos textos produzidos pelos alunos.

A aula será finalizada com uma reflexão coletiva sobre as mudanças culturais e linguísticas abordadas na crônica "Antigamente". O professor (a) deve incentivar os alunos a relacionarem o tema do texto com o contexto histórico e social em que foi escrito, bem como com a realidade contemporânea.

#### 4.1.4 ATIVIDADE 4 - Variedades da língua falada / GÊNERO: poema.

Na atividade, será trabalhado um poema de Patativa do Assaré. Os objetivos serão identificar elementos literários e linguísticos utilizados pelo autor e compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de

uso.

As habilidades da BNCC trabalhadas serão: (EF69LP05) Respeitar a variação linguística por características sociais, regionais, urbanas e rurais da fala, rejeitando preconceitos linguísticos;(EF69LP14) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo em textos literários; (EF69LP15) Reconhecer, em textos literários, formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas, considerando o momento e o local de sua produção e autoria;(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico; (EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

Para contextualizar o texto, é interessante que o professor (a) apresente brevemente a vida e a obra de Patativa do Assaré, destacando sua importância como poeta popular e representante da cultura nordestina. Depois, pode ser feita a exibição em áudio para a turma do poema na voz do autor. Esse é um momento muito rico, pois os alunos poderão analisar a pronúncia do autor e perceber a variação diatópica. Também haverá a possibilidade de o aluno reconhecer as variedades diferentes de concordância e como elas contribuem para a caracterização da variação observada no poema.

Sugerimos, ainda, que essa atividade seja feita em grupos, em que cada equipe possa apresentar suas conclusões para a turma, através da resolução das questões propostas. E finalize com uma discussão de como a variação linguística enriquece o texto e contribui para a expressão artística e cultural.

#### 4.1.5 ATIVIDADE 5 - Reconhecendo as variedades linguísticas / GÊNERO: poema.

Esta atividade é complementar da anterior, pois são dois textos que tratam da mesma temática tendo como pano de fundo o sertão e o homem do campo. Como sugestão, o professor pode retomar a atividade anterior ao proporcionar a audição dos dois poemas, para que os alunos possam perceber as mudanças de pronúncia e de contexto.

Na atividade será trabalhado um poema de Bráulio Bessa e tem como objetivos: identificar elementos literários e linguísticos utilizados pelo autor e compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.

As habilidades da BNCC trabalhadas serão: (EF69LP14) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo em textos literários; (EF69LP55)

Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico; (EF09LP28) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

Depois pode ser feita a exibição em áudio para a turma do poema na voz do autor. Pode ser feita uma nova leitura pelo professor, pedindo aos alunos que acompanhem e percebam as diferenças de pronúncia, destacando trechos que apresentam variação linguística regional (uso de palavras e expressões típicas do Nordeste).

#### 4.1.6 ATIVIDADE 6 - De olho na concordância. / GÊNERO: crônica.

Esta atividade é mais direcionada às variedades de concordância no PB. Nela, os alunos perceberão as diferenças entre a norma-padrão e as variedades presentes no cotidiano. Trabalharemos com os seguintes objetivos: identificar elementos literários e linguísticos utilizados pelo autor e compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.

As habilidades da BNCC trabalhadas serão: (EF69LP15) Reconhecer, em textos literários, formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas, considerando o momento e o local de sua produção e autoria; (EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada; (EF07LP34) Empregar as regras básicas de concordância nominal e verbal em situações comunicativas e na produção de textos; (EF69LP15) Reconhecer, em textos literários, formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas, considerando o momento e o local de sua produção e autoria.

Sugerimos que o professor comece a aula explicando o conceito de concordância verbal e sua importância na gramática e na sociedade. Em seguida, através de slides, ocorrerá a sociabilização do texto para a leitura, que poderá ser feita oralmente pelo professor, juntamente com os alunos. É importante que o professor esclareça sobre as características do gênero textual estudado. Após a leitura coletiva do texto, a sala pode ser dividida em pequenos grupos de 3 ou 4 alunos para a resolução das questões da atividade.

Os grupos apresentarão suas conclusões para a turma, através da resolução das questões propostas. (Cada grupo responderá oralmente apenas uma pergunta). Em seguida, o professor pode solicitar aos alunos que escrevam frases que são utilizadas no cotidiano e que apresentam concordância verbal diferente da norma-padrão. Após as considerações feitas pelo professor, os grupos confeccionarão um cartaz com essas frases comparando-as com a norma-padrão.

#### 4.1.7 ATIVIDADE 7 – Linguagem: uma questão de adequação. / Gênero: crônica / entrevista.

Nesta atividade, apresentamos uma crônica, na qual o autor Luís Fernando Veríssimo brinca com situações que envolvem o discurso oral e fogem à expectativa do ouvinte. A proposta tem como objetivos: identificar elementos literários e linguísticos utilizados pelo autor e compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.

As habilidades da BNCC trabalhadas serão: (EF69LP15) Reconhecer, em textos literários, formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas, considerando o momento e o local de sua produção e autoria; (EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada; (EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

A sugestão é que se inicie a atividade com uma explicação sobre os conceitos de adequação e inadequação com relação a situações de uso da língua. Explicando, que nesta atividade, será feita a leitura de uma crônica em que a situação comunicativa não acontece inicialmente. Durante o desenvolvimento da atividade, com a orientação do professor, os alunos socializarão as respostas e discutirão o tema do texto.

#### 4.1.8 ATIVIDADE 8 - Variedades de concordância / GÊNERO: gêneros textuais variados.

Esta atividade permite que os alunos explorem diretamente as variações na concordância verbal em contextos reais, promovendo uma compreensão mais profunda e contextualizada da diversidade linguística. Temos como objetivos: promover a reflexão sobre a naturalidade e a frequência de usos da concordância não padrão e sobre a valoração que esses usos recebem, bem como permitir que o aluno faça considerações sobre a variação da concordância entre verbo e sujeito.

As habilidades da BNCC trabalhadas serão: (EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada; (EF07LP34) Empregar as regras básicas de concordância nominal e verbal em situações comunicativas e na produção de textos; (EF09LP28) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

Como sugestão para a condução da atividade, orientamos que o professor inicie a aula lembrando aos alunos o que é variação linguística e como ela se manifesta na língua,

especialmente na concordância verbal. (memória da aula anterior). Sempre priorizando as atividades em grupo, para o desenvolvimento da atividade. Na condução da atividade, os grupos identificarão nos textos exemplos de como ocorre a concordância verbal. Após a leitura, deve ser promovida uma discussão em grupo em que os alunos compartilhem suas observações sobre os exemplos de concordância verbal encontrados.

Com o incentivo do professor, os alunos discutirão como a variação linguística afeta a concordância verbal em cada texto e por que isso ocorre. Eles devem responder perguntas como: Por que a concordância verbal foi usada dessa maneira? Ela reflete características específicas da variedade linguística em questão? O encerramento da atividade deverá ser feito ressaltando a importância de reconhecer e respeitar as diferentes formas de expressão linguística, incluindo as variações na concordância verbal. Incentive os alunos a continuarem explorando e aprendendo sobre a diversidade linguística ao longo de suas vidas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A variação linguística no Brasil é um fenômeno complexo e multifacetado que reflete a rica diversidade cultural, histórica e social do país. Embora seja um tema tão rico, ele é explorado de forma superficial em muitos livros didáticos, conforme constatamos nesta pesquisa, através dos trabalhos publicados que serviram de referência em nosso estudo, já citados anteriormente. Dessa forma, ao longo desta dissertação, observamos como diferentes fatores, como região, classe social, idade, gênero e contexto comunicativo, influenciam a maneira como a língua portuguesa é falada e escrita em diferentes partes do país.

Em vista disso, escrever sobre um assunto tão abrangente como a variação linguística em LP demanda muita coragem e tempo de estudo. No decorrer desta pesquisa, percebemos como o conhecimento que temos sobre a educação linguística é limitado. Daí ser tão importante pesquisas como esta. Assim sendo, nosso objetivo foi trazer uma reflexão sobre o ensino de gramática nas escolas, com ênfase na variação na concordância de número do PB.

Para tanto, nesta dissertação, abordamos o tema da variação linguística e o ensino de Português voltado para o Ensino Fundamental anos finais, tendo como objetivo desenvolver um estudo sobre a variação linguística visando à redução das dificuldades de inadequações de concordância verbal em textos escritos, produzidos por alunos do 8º ano.

No decorrer deste estudo, alguns questionamentos norteadores foram ressaltados: como o conhecimento da variação morfossintática pode contribuir como facilitador de uma escrita mais eficiente? E como as variedades linguísticas auxiliam a compreensão do contexto de produção e da proficiência leitora? Ainda como orientar as atividades de produção textual respeitando as diferenças entre fala e escrita?

Concluimos que o reconhecimento por parte do professor das variantes linguísticas mais frequentes nas produções escritas dos alunos e a avaliação de sua relevância podem ajudar na aprendizagem ortográfica, facilitando a assimilação das normas de escrita. Daí ser tão importante que o professor aprofunde seus conhecimentos no campo da Sociolinguística, porque, conforme enfatiza os estudos de Bagno (2013), a formação docente, ainda, é reconhecidamente precária e insuficiente.

O propósito, portanto, desta pesquisa foi procurar demonstrar que nenhum falante nativo deixa de saber gramática, não aquela imposta pelos puristas da língua e vista exaustivamente na escola, mas sim a gramática que todo falante traz consigo, a chamada “gramática interiorizada”, de conhecimentos e particularidades da língua nativa em situações concretas de uso. Com esse intuito, tentamos demonstrar, através do conhecimento do fenômeno da variação

linguística, duas realidades aparentemente paradoxais: a língua em seu efetivo uso e a norma-padrão defendida e ensinada na escola.

Assim, a análise da variação linguística revelou as especificidades linguísticas de diferentes áreas geográficas, demonstrando a importância de valorizar e respeitar essas diferenças no ensino da LP. Além disso, a variação social destacou como a língua pode servir como um marcador de identidade e pertencimento, reforçando a necessidade de uma abordagem inclusiva e sensível às particularidades dos falantes.

Portanto, precisamos compreender os elementos sociolinguísticos envolvidos no processo de variação de número do PB, uma vez que não se trata de aceitar ou não a variação, porque ela é uma realidade e existe em todas as línguas. Embora haja explicações sociolinguísticas que atestam cientificamente a redução na morfologia verbal do PB, a sociedade ainda rejeita aqueles que utilizam uma variedade diferente da preconizada pelas gramáticas tradicionais.

Assim sendo, reafirmamos que somente a educação sociolinguística será capaz de mudar a postura tradicionalista e preconceituosa que assumimos diante das variedades estigmatizadas. Provavelmente, essa postura por parte de muitos professores, é motivada pelo desconhecimento e pela formação precária. No entanto, vale ressaltar que tal situação está mudando, conforme demonstram programas como o Mestrado Profissional em Letras (Profletras), em que professores elaboram dispositivos didáticos, voltados para a realidade da escola pública, baseados em seus conhecimentos e vivências.

Por outro lado, outro avanço já ocorreu no campo educacional, com o reconhecimento nos documentos oficiais da educação (PCN, BNCC) da importância da variação linguística e da necessidade de sua integração ao currículo escolar. No entanto, a prática pedagógica ainda enfrenta desafios para implementar efetivamente esses princípios. A pouca presença desse tema nos livros didáticos do ensino fundamental, conforme já mencionado na pesquisa, aponta para a inevitabilidade de desenvolvimento de materiais didáticos mais representativos e abrangentes.

Permanece, no entanto, a sensação de que poderíamos fazer mais a respeito do tema. Acreditamos que o preconceito linguístico, assim como a variação linguística, deveria ocupar um lugar mais relevante nos materiais didáticos e não apenas serem limitados a um capítulo isolado. Tamanha ausência de preocupação com esse assunto, tão necessário na formação cidadã dos jovens, merece, portanto, que novas pesquisas denunciem essas lacunas, não apenas nos livros didáticos, mas também na prática escolar. A questão que se segue é: por que não há interesse para ir além da abordagem superficial da variação linguística em LP?

Portanto, esta pesquisa concluiu que a inclusão da variação linguística no ensino da língua portuguesa não só enriquece a experiência educacional dos alunos, como também promove uma maior compreensão e valorização da diversidade linguística do Brasil. Para tanto, é essencial que educadores e formuladores de políticas educacionais trabalhem juntos a fim de desenvolver estratégias pedagógicas que reconheçam e respeitem as múltiplas facetas do português brasileiro, contribuindo, assim, para a formação de cidadãos mais conscientes e respeitosos da diversidade cultural e linguística do país.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Nukácia. ZAVAM, Áurea (organizadoras) – **A língua na sala de aula: questões práticas para um ensino produtivo**. Fortaleza: Perfil cidadão, 2004.
- ANTUNES, Irandé. – **Muito além da gramática: por um ensino sem pedras no caminho**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- ANTUNES, Irandé. – **Gramática contextualizada: limpando ‘o pó das ideias simples’**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- ARAÚJO, Aluiza A., PEREIRA, Maria Lidiane de S. – Variação linguística em livro didático do ensino fundamental - **Letrônica**. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 350-360, jan.-jun. 2017.
- BAYLON, Christian. **Sociolinguistique**; Société, langue et discours. Poitiers: Nathan. p.304, 1991.
- BRIGHT, William. **Introduction; The Dimensions of Sociolinguistics**. In: BRIGHT, William (ed). Sociolinguistics. Proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference. The Hague: Mouton, 1996. p. 11-15. Trad. por: As dimensões da Sociolinguística. In: FONSECA, M. Stella Vieira; NEVES, Moema F. Sociolinguística. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- BAGNO, M. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2012.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BARONAS, J. E. de A. Variação linguística na escola: resultados de um projeto. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 13, n. 1, 2014. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1200>. Acesso em: 19 jun. 2023.
- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso (1952). In: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.
- BECHARA, E. **Moderna gramática brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BORTONI-RICARDO, S. M.; ROCHA, M. do R. O ensino de português e a variação linguística em sala de aula. In: MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. (org.). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 37-55.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em Língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris (org.). **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação – Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental.** Brasília, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetro Curricular Nacional de Códigos e Linguagem.** Brasília, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desenvolvimento; Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília-DF: MEC/ SEF, 1998**

BRASIL, Ministério da Educação e do Desenvolvimento; Secretaria de Educação Fundamental. **Programa Nacional do Livro Didático de Língua Portuguesa.** Brasília-DF: MEC/SEF, 2014.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** MEC/SEB,2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>.

CAMACHO, R. G. A variação linguística. In: **Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o segundo grau.** São Paulo: CENP, Secretaria do Estado da Educação, 1978. Vol. 4. p. 29-34.

CAMACHO, R. G. **Da linguística formal à linguística social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

CARDOSO, C. R. **Variação da concordância verbal no indivíduo:** um confronto entre o linguístico e o estilístico. Dissertação de mestrado. Brasília: UnB, 2005.

CARDOSO, C. R.; COBUCCI. P. Concordância de Número no Português Brasileiro. In. BORTONI-RICARDO, Stella Maris (org.). **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2010.

CHAGAS, Danieli Silva. "**Concordância Verbal:** Estratégias para o Trabalho com os Três Eixos para o Ensino de Gramática", p. 61 -94. In: **Gramática, Variação e Ensino:** Diagnose e Propostas Pedagógicas. São Paulo: Blucher, 2018.

CHAGAS, Danieli Silva. **Ensino de gramática e múltiplos letramentos:** percepções sobre a construção de sentidos sob influência do valor indexical da linguagem e seu impacto no ensino da concordância verbal. Rio de Janeiro, Diadorim, Revista 19 volume 2, p. 209-228, Jul/Dez 2017.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N. de; MAY, G. H. **Para conhecer sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2015. (Coleção para conhecer linguística)

CYRANKA, L. Avaliação das variantes: atitudes e crenças em sala de aula. In: MARTINS, M.

A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. (org.). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 133-155.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FREIRE, Gilson Costa; NASCIMENTO, Xella Ohana da Cunha. Ensino de concordância verbal de terceira pessoa do plural por meio de suportes digitais no Ensino Fundamental. **Revista EntreLetras**. Araguaína/TO, v. 9, n. 2, p. 204-225, jul./set. 2018.

GUMPERZ, J. El significado de la diversidad lingüística y cultural em um contexto post-moderno. In: MUNOZ, Hector; LEWIN, Pedro F. (org.). *Investigaciones lingüísticas 2*. Ciudad del México: UAM/INAH, 1996, p. 33-47.

GUY, G. R.; ZILLES, A. M. S. **O ensino de língua materna: uma perspectiva sociolinguística**. *Calidoscópico*, v. 4, n. 52

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente: a língua que estudamos e a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 389 p. Título original: *Sociolinguistic Patterns*.

LIMA, R. J. Variação linguística e os livros didáticos de português. In: MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. (org.). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 115-131.

LUCCHESI, Dante. A Teoria da Variação Linguística: um balanço crítico. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 41, n. 2, p. 793-805, 2012.

MARQUES, T. M.; BARONAS, J. E. de A. **Pedagogia da Variação Linguística: por uma abordagem heterogênea da língua a fim de minimizar o preconceito linguístico**. *Signum*, v. 18, n. 1, p. 283-308, 2015.

MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. Contribuições da Sociolinguística brasileira para o ensino de português. In: MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. (org.). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 09-35.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

MARTELOTTA, M. E. **Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. Contribuições da sociolinguística brasileira para o ensino de português. In: MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. (org.). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 9-35.

MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique Générale**. Paris: Champion, 1948.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. ed. Contexto, p. 9 – 14, São Paulo- SP, 2017.

MONTEIRO, José. Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MORAIS, C. G. O tratamento da diversidade e variação linguística em livros didáticos de português. **Letras e Letras**, Uberlândia, v. 31, n. 2, p. 188-210, 2015.

NARO, A. J. **The Social and Structural Dimensions of a Syntactic Change**. *Language*, v.57, n.1, p. 63-98, 1981.

NARO, Anthony. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 43-50.

OMENA, N. P. DE; DUARTE, M. G. L. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. ed. Contexto, p. 81 – 88, São Paulo- SP, 2017.

PAIVA. M. da C. de; DUARTE, M. G. L. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. ed. Contexto, p. 179 – 190, São Paulo- SP, 2017.

PERINI, M. A. **A gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

PEZATTI, E. G. O funcionalismo em linguística. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004, vol.3.

RAZKY, A.; FEITEIRO, S. R. Sociolinguística e Livro Didático: uma análise exploratória. *Signum*, Londrina, v. 18, n. 1, p. 309-332, 2015.

SANTOS, Aymmé Silveira; MELO, Raniere Marques de. O ensino da variação linguística na Base Nacional Comum Curricular. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 115-132, set - dez/2019.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola editorial, 2005.

SCHERRE, M. M. P. A norma do imperativo e o imperativo da norma: uma reflexão sociolinguística sobre o conceito de erro. In: BAGNO, M. (org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Parábola editorial, 2002, p. 217-251.

SCHERRE, M. M. P. Paralelismo linguístico. **Revista de estudos da linguagem**, v.7, n.2, p. 29-59, jul.-dez. 1998.

SCHERRE, M. M. P. Variação da concordância nominal no português do Brasil: influência das variáveis posição, classe gramatical e marcas precedentes. In: GROBE, S.; ZIMMERMANN, K. (org.) **“Substandard” e mudanças no português do Brasil**. Frankfurt: TFM, 1998, p. 153-188.

SCHERRE, M. M. P. **Reanálise da concordância de número em português**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. ed. Contexto, p. 147 – 177, São Paulo- SP, 2017.

SOARES, Magda. **Português: uma proposta para o letramento**. Manual do professor. São Paulo: Moderna, 2002.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2005

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Biblioteca Universitária. **Guia de normalização de trabalhos acadêmicos da Universidade Federal do Ceará**. Fortaleza: Biblioteca Universitária, 2013. Disponível em: <https://biblioteca.ufc.br/wp-content/uploads/2019/10/guia-de-citacao-06.10.2019.pdf>.

VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (org.). **Ensino de gramática: descrição e uso**: São Paulo: Contexto, 2007.

VIEIRA, S. R.; FREIRE, G. C. In: MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. (org.). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 81-114.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

APÊNDICE A– Caderno pedagógico

# CADERNO PEDAGÓGICO

# 8<sup>o</sup>

VARIAÇÃO  
LINGUÍSTICA EM  
LÍNGUA  
PORTUGUESA

# A N O



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO CEARÁ



PROFLETRAS

AUTORA: MARIA ELIZABETE ÁVILA SILVA

ORIENTADORA: Profa. Dra. MARIA SILVANA M. DE ALENCAR

## SUMÁRIO

<b>Apresentação .....</b>	<b>p. 02</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>p. 03</b>
<b>Parte I.....</b>	<b>p. 05</b>
<b>Atividade 1 .....</b>	<b>p. 06</b>
<b>Atividade 2 .....</b>	<b>p. 08</b>
<b>Atividade 3 .....</b>	<b>p. 13</b>
<b>Atividade 4.....</b>	<b>p. 18</b>
<b>Parte II.....</b>	<b>p. 23</b>
<b>Atividade 5 .....</b>	<b>p. 24</b>
<b>Atividade 6 .....</b>	<b>p. 31</b>
<b>Atividade 7 .....</b>	<b>p. 36</b>
<b>Atividade 8 .....</b>	<b>p. 41</b>
<b>Referências .....</b>	<b>p. 46</b>

## APRESENTAÇÃO

Colega professor (a),

É com imensa satisfação que compartilho com vocês este caderno pedagógico, um recurso didático adaptável a sua realidade, que tem como objetivo propor atividades direcionadas a um ensino de gramática contextualizado e articulado com as práticas linguísticas, em que o foco do ensino se direciona à reflexão linguística, centrada na dimensão discursiva e interacional da língua.

Nesse contexto, o caderno propõe atividades que destacam as contribuições da variação linguística para o ensino de língua portuguesa nos anos finais do ensino fundamental. Ele busca contribuir para a compreensão das variações na concordância verbal no português brasileiro (PB) e ressaltar a importância dessas variações no ensino da língua portuguesa, alinhando-se com as novas abordagens educacionais.

A proposta desta atividade surgiu da necessidade de se explorar as variedades linguísticas de forma mais eficaz no ambiente escola, uma vez que a abordagem desse assunto, feita pelos livros didáticos, ainda ocorre de forma muito restrita, pois muitos desses materiais limita-se a explorar apenas um tipo de variação, o que dificulta o ensino da língua materna em sua diversidade e acaba por contribuir, mesmo que indiretamente, para o preconceito linguístico, que já é tão notado em nossa sociedade.

Em vista disso, esperamos que este material pedagógico possa contribuir para a melhoria da prática docente e para a educação linguística dos alunos.

Um forte abraço!

A autora.

## INTRODUÇÃO

O presente caderno pedagógico tem como objetivo desenvolver atividades sobre a variação linguística visando à redução das dificuldades de escrita e de concordância em textos produzidos por alunos do 8º ano do ensino fundamental. O foco das atividades será a concordância, visto que o emprego de uma variedade diferente da chamada norma-padrão representa uma forma estigmatizada, que acaba por fomentar, ainda mais, o preconceito linguístico.

O embasamento teórico para a elaboração deste caderno pedagógico pautou-se em estudiosos como Antunes (2007, 2014), Bagno (2007,2013), Chagas (2018) e Vieira (2014, 2017), bem como nas orientações dos documentos oficiais (PCN (1997), BNCC (2017)) voltadas para o ensino relacionado a variação linguística.

A mudança na concepção de ensino iniciou com a publicação, em 1997, dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) pelo Ministério da Educação. Já no início dos PCN de língua portuguesa, na parte dedicada às séries iniciais do ensino fundamental, encontramos o seguinte trecho:

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum considerar as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. (PCN,1997, p.26)

Neste trecho, percebemos a preocupação com um ensino de Língua Portuguesa voltado para o reconhecimento das variedades dialetais, desde as séries iniciais, nas escolas brasileiras, uma vez que o material reconhece a variedade da língua e a existência de muitos preconceitos decorrentes da valoração atribuída aos diferentes modos de falar.

Por sua vez, Bagno (2007) conclui que devido às mudanças na concepção de ensino de língua, a variação linguística tornou-se fundamental para compreensão desse novo modelo de ensino. Daí a necessidade de se conhecer esse fenômeno com base em

conceitos bem definidos e sistematizados. Portanto, constitui um grande desafio a elaboração deste caderno pedagógico, que abrange um tema tão rico e significativo no ensino da língua portuguesa. Tema esse pouco explorado nos livros didáticos do ensino fundamental, mesmo estando em evidência nos documentos oficiais da educação.

Assim, desenvolvemos esta proposta didática, com uma sequência de oito atividades organizadas em duas partes. Na primeira parte, desenvolvemos tarefas sobre a variação linguística de forma geral, explorando os fatores extralinguístico que contribuem para a ocorrência desse fenômeno. Já na segunda parte, as atividades são direcionadas à variação de concordância de número no português brasileiro. Além das atividades, o material apresenta sugestões de como conduzi-las em sala de aula.

Portanto, esperamos que as atividades deste material pedagógico possam contribuir para desmistificar o ensino de gramática, como sendo algo fora da realidade dos alunos e, portanto, desconectado com a realidade. Longe disso, as atividades aqui propostas priorizam desenvolver um leitor e um produtor crítico, capaz de compreender a diversidade linguística e sua importância para o combate ao preconceito linguístico.

Um forte abraço!

A autora.

## PARTE I



**ATIVIDADES PARA O  
RECONHECIMENTO DOS CONCEITOS  
BÁSICOS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA  
EM LÍNGUA PORTUGUESA E SUA  
CLASSIFICAÇÃO**

## SUGESTÕES PARA A CONDUÇÃO DA ATIVIDADE 1

**Atividade 1:** Apresentação do assunto: Variação Linguística / Toda língua é um feixe de variedades

### OBJETIVOS:

- Apresentar aos alunos os conceitos básicos da variação linguística.
- Analisar como a variação linguística se manifesta em diferentes contextos.

**TEMPO:**  
2 horas-aula –  
100 minutos

**BNCC:** (EF69LP03) Adequar o nível de formalidade da fala aos temas, contextos/situações, interlocutores.  
(EF69LP05) Respeitar a variação linguística por características sociais, regionais, urbanas e rurais da fala, rejeitando preconceitos linguísticos.

### INÍCIO – 20 MINUTOS

- O professor(a) informa à turma que apresentará um trecho de um filme, citando a época e o contexto da história.
- Exibição de um trecho de filme (Cidade dos homens) como exemplo das diferentes formas de se dizer uma mesma informação. (No trecho do filme, a professora apresenta um conteúdo de história do Brasil para uma turma de alunos do oitavo ano.)
- Após assistir ao vídeo, os alunos falarão suas primeiras impressões acerca da cena retratada.

### DESENVOLVIMENTO - 60 MINUTOS

Neste momento, os alunos irão refletir sobre o trecho respondendo aos questionamentos abaixo.

1. Por que não houve comunicação entre a professora e seus alunos?
2. Levante hipóteses: por que razão os alunos não demonstraram interesse no assunto da aula?

3. Como era o contexto da cena?
4. Podemos dizer se os alunos eram da zona urbana? Justifique.
5. De que forma o aluno recontou a história?
6. O que mudou na linguagem usada pelo jovem?
7. Podemos dizer que a informação foi transmitida de forma variada?
8. O que mudou no comportamento de todos?

Com a orientação do professor, os alunos irão perceber que a mesma informação foi transmitida de uma forma diferente, em uma variedade presente na comunidade em que eles residem.

## ENCERRAMENTO - 20 MINUTOS

Após a sociabilização das possíveis respostas encontradas, o professor (a) solicitará aos alunos que eles façam um levantamento das palavras, empregadas na fala do personagem Acerola, que são indicativos de seu local de morada e de sua condição social.

## MATERIAL DE APOIO

### RECURSOS DIDÁTICOS

Datashow, computador e caixa de som.

### VÍDEO UTILIZADO

O vídeo utilizado tem como título: **Acerola explica história** (disponível no youtube).

<https://youtu.be/RP77PkL5TMg?si=LTKGRT0ajvtABrOl>  
Acesso em 14/05/2024

## SUGESTÕES PARA A CONDUÇÃO DA ATIVIDADE 2

### Atividade 2: Entendendo os tipos de variação

**Gênero:** Cartum, quadrinho e memes

#### Objetivos:

- Reconhecer os fatores extralinguísticos que contribuem para a variação linguística.
- Apresentar os principais tipos de variação linguística. (diatópica, diastrática, diamésica, diafásica, diacrônica)
- Analisar como a variação linguística se manifesta em diferentes contextos.

#### TEMPO:

2 horas –aula- 100 minutos

**BNCC:** (EF69LP05) Respeitar a variação linguística por características sociais, regionais, urbanas e rurais da fala, rejeitando preconceitos linguísticos.  
(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

### INÍCIO – 20 MINUTOS



O professor(a) explicará os fatores sociais que auxiliam na identificação dos fenômenos de variação linguística. (geográfico, status socioeconômico, escolaridade, idade...)

Através das ferramentas digitais, os alunos terão acesso a anúncios cartuns, tirinhas, e memes da internet.

### DESENVOLVIMENTO - 50 MINUTOS

Com o auxílio do professor, os alunos analisarão as imagens e discutirão o contexto de cada uma.

Em seguida, o professor(a) disponibilizará um tempo aos alunos para a resolução das questões propostas.

## ENCERRAMENTO - 30 MINUTOS

Sobre a orientação do professor, os alunos sociabilizarão suas impressões sobre os textos e as respostas.

É interessante que haja a reflexão sobre as variações presentes em cada texto



## MATERIAL DE APOIO

### RECURSO DIDÁTICO

Datashow, computador e atividade impressa.

## ATIVIDADE – ENTENDO OS TIPOS DE VARIAÇÃO

Observe os textos abaixo e responda às questões propostas.

### TEXTO 1:



Varição Linguística — O Que é? (descomplica.com.br) Acesso em 15/04/2024

1. Quem são os interlocutores do diálogo?
2. Levante hipótese: por que eles não estão conseguindo se comunicar?
3. Pode-se afirmar que existe um conflito de gerações neste texto? Explique.
4. Que palavras são típicas da linguagem jovem?
5. Que variação pode ser identificada no texto?

**TEXTO 2:**



Anésia # 417 – WillTirando acesso em 14/abril/2024.

6. Que relação existe entre os textos 1 e 2?
7. Que o sentido a palavra “maratonar” assume na perspectiva da jovem?
8. Pode-se dizer que essa palavra assumiu um novo significado ao longo das gerações? Justifique.
9. Qual a crítica presente na fala da avó?
10. Que tipo de variação linguística está presente no texto 2?

**TEXTO 3:**

<https://i.pnimg.com/originals/0f/63/cf/0f63cfe32b97fb45fab12896f34c52b6.jpg> acesso em 14/abril/2024

11. Sabe-se que os modos de usar a língua podem variar conforme diferentes fatores. O texto acima utiliza duas formas de linguagem para construir seu efeito de humor. Explique como isso ocorre.

12. A linguagem verbal empregada no texto permite ao leitor perceber o lugar do seu emissor? Que palavras são usadas para dar pistas desse lugar?

13. Que variação linguística pode ser identificada no texto 3?

## SUGESTÕES PARA A CONDUÇÃO DA ATIVIDADE 3

### Atividade 3: Variação diacrônica

#### Gênero: Crônicas

##### OBJETIVOS:

- Identificar elementos literários e linguísticos utilizados pelo autor.
- Refletir sobre as mudanças culturais e linguísticas ao longo do tempo

##### TEMPO:

2 horas-aula –  
100 minutos

BNCC: (EF69LP15) Reconhecer, em textos literários, formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas, considerando o momento e o local de sua produção e autoria.  
(EF69LP05) Respeitar a variação linguística por características sociais, regionais, urbanas e rurais da fala, rejeitando preconceitos linguísticos.  
(EF07LP34) Empregar as regras básicas de concordância nominal e verbal em situações comunicativas e na produção de textos.

### INÍCIO – 30 MINUTOS

Professor(a), lembre aos alunos os tipos e variação linguística. (memória da atividade anterior).

Nesta atividade, será feita a leitura de uma crônica em que aparecem muitas palavras desconhecidas para os alunos, portanto haverá a necessidade de uma consulta ao dicionário.

Após a leitura coletiva do texto, divida a sala em pequenos grupos de 3 ou 4 alunos para o desenvolvimento da atividade, que será realizada no laboratório de informática



### DESENVOLVIMENTO – 50 MINUTOS



Após a leitura do texto, os alunos irão ao laboratório de informática para a resolução das questões sugeridas na atividade.

## **ENCERRAMENTO – 30 MINUTOS**

Finalize a aula fazendo uma reflexão coletiva sobre as mudanças culturais e linguísticas abordadas na crônica "Antigamente".

Incentive os alunos a relacionarem o tema do texto com o contexto histórico e o social em que foi escrito, bem como com a realidade contemporânea.

## **MATERIAL DE APOIO**

### **RECURSO DIDÁTICO**

Datashow, computador, dicionário, sala de informática.

## ATIVIDADE – COMPREENDENDO A VARIAÇÃO DIACRÔNICA

O texto a seguir é uma conhecida crônica de Carlos Drummond de Andrade, nele o autor faz uma reflexão sobre as mudanças de sua geração para uma mais atual, através das diferenças entre os modos de dizer de antes e os do momento em que o texto foi produzido.

Leia com atenção a crônica abaixo e depois responda às questões propostas.

### ANTIGAMENTE

Antigamente as moças chamavam-se “mademoiselles” e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhe pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E se levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia.

As pessoas, quando corriam, antigamente, era para tirar o pai da forca, e não caíam de cavalo magro. Algumas jogavam verde para colher maduro, e sabiam com quantos paus se faz uma canoa. O que não impedia que, nesse entremente, esse ou aquele embarcasse em canoa furada. Encontravam alguém que lhes passava a manta e azulava, dando às de Vila-Diogo.

Os mais idosos, depois da janta, faziam o quilo, saindo para tomar a fresca; e também tomavam cautela de não apanhar o sereno. Os mais jovens, esses iam ao animatógrafo, chupando balas de alteia. Ou sonhavam em andar de aeroplano. Estes, de pouco siso, se metiam em camisa de onze varas e até em calças pardas; não admira que dessem com os burros n'água.

Havia os que tomavam chá em criança e, ao visitarem uma família da maior consideração, sabiam cuspir na escarradeira. Se mandavam seus respeitos a alguém, o portador garantia-lhes: “Farei presente”. Outros, ao cruzarem com um sacerdote, tiravam o chapéu, exclamando: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”; ao que o cumprimentado respondia: “Para sempre seja louvado”. E os eruditos, se alguém espirrava – sinal de defluxo – eram impelidos a exortar: Dominus tecum.

Embora sem saber da missa a metade, os presunçosos queriam ensinar padre-nosso ao vigário, e com isso punham a mão em cumbuca. Era natural que com eles se perdesse a tramontana. A pessoa cheia de melindres ficava sentida com a desfeita que lhe faziam quando, por exemplo, insinuavam que seu filho era artioso. É verdade que às vezes os meninos eram encapetados, e chegavam a pitar escondido atrás da igreja. As meninas não: verdadeiros cromos, umas teteias.

Antigamente, certos tipos faziam negócios e ficavam a ver navios; outros eram pegados com a boca na botija, contavam tudo tintim-por-tintim e iam comer o pão que o diabo amassou, lá onde Judas perdeu as botas.

Uns raros amarravam cachorros com linguiça. E alguns ouviam cantar o galo, mas não sabiam onde. As famílias faziam sortimento na venda, tinham conta no carnicheiro e arrematavam qualquer quitanda que passasse à porta, desde que o moleque do tabuleiro, quase sempre um “cabrito”, não tivesse catinga. Acolhiam com satisfação a visita do cometa, que, andando por ceca e meca, traziam as novidades “de baixo”, ou seja, do Rio de Janeiro. Ele vinha dar uma prosa e deixar presente ao dono da casa um canivete roscofe. As donzelas punham carmim e chegavam à sacada para vê-lo apear do macho faceiro. Infelizmente, alguns eram mais que velhacos: eram grandessíssimos tratantes.

Acontecia o indivíduo apanhar uma constipação; ficando perrengue, mandava um próprio chamar o doutor e, depois, ia à botica para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a phtysica. Antigamente os sobrados tinham assombrações; os meninos, lombrigas; asthma, os gatos; os homens portavam ceroulas, botinas e capa de goma; a casimira tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London; não havia fotógrafos, mas retratistas e os cristãos não morriam: descansavam.

Mas tudo isso era antigamente, isto é, outrora.

(Carlos Drummond de Andrade, Quadrante 1. 4ª Edição, Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1966)

1. No texto "Antigamente", o autor discorre sobre as mudanças ao longo do tempo. Identifique algumas dessas mudanças citadas.
2. Algumas expressões populares típicas da oralidade estão presentes no texto. Transcreva-as e atribua-lhes uma significação.
3. Nas palavras empregadas na crônica, quais não são mais usadas hoje em dia?
4. O autor menciona objetos ou costumes que as pessoas antigamente costumavam usar ou fazer. Quais são esses objetos ou costumes?
5. Você acha que as mudanças na língua ao longo do tempo afetam a maneira como entendemos o texto "Antigamente"? Por quê?
6. Na sua opinião, por que é importante entender as mudanças na língua ao longo do tempo, como é mostrado no poema "Antigamente"?
7. Que tipo de variação está presente no texto? Justifique.
8. Identifique no texto as palavras desconhecidas e elabore um glossário atribuindo a elas seus significados.
9. Você já percebeu que as línguas são dinâmicas e que mudam ao longo do tempo em conformidade com seus falantes. Assim elabore uma crônica, usando como modelo o texto lido, na qual você também fará uma reflexão sobre a sua geração. Use como título "Atualmente"

## SUGESTÕES PARA A CONDUÇÃO DA ATIVIDADE 4

### Atividade 4: Variedades da língua falada – variação diatópica

#### Gênero: Poema

##### OBJETIVO:

- Identificar elementos literários e linguísticos utilizados pelo autor.
- Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.

##### TEMPO:

2 horas-aula – 100 minutos

**BNCC:** (EF69LP05) Respeitar a variação linguística por características sociais, regionais, urbanas e rurais da fala, rejeitando preconceitos linguísticos.

(EF69LP14) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo em textos literários.

(EF69LP15) Reconhecer, em textos literários, formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas, considerando o momento e o local de sua produção e autoria.

(EF06LP31) Empregar, adequadamente, as regras de concordância nominal (relações entre os substantivos e seus determinantes) e as regras de concordância verbal (relações entre o verbo e o sujeito simples e composto)

(EF07LP34) Empregar as regras básicas de concordância nominal e verbal em situações comunicativas e na produção de textos.

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

### INÍCIO - 20 MINUTOS

Contextualização do Autor e do Poema:

Professor(a), apresente brevemente a vida e a obra de Patativa do Assaré, destacando sua importância como poeta popular e representante da cultura nordestina.

Exibir em áudio para a turma do poema na voz do autor.

Leitura do poema "O Poeta da Roça" em voz alta



## **DESENVOLVIMENTO – 60 MINUTOS**

Leitura e Análise do Poema

Distribuir cópias do poema para os alunos.

Ler o poema em voz alta novamente, pedindo aos alunos que acompanhem.

Fazer uma leitura pausada, destacando trechos que apresentam variação linguística regional (uso de palavras e expressões típicas do Nordeste).

Dividir a sala em grupos para a resolução das questões da atividade.

O professor deverá estipular um tempo para que os alunos respondam a atividade.

## **ENCERRAMENTO – 20 MINUTOS**

Cada grupo apresenta suas conclusões para a turma, através da resolução das questões propostas.

Discussão de como a variação linguística enriquece o texto e contribui para a expressão artística e cultural.

Reflexão coletiva sobre a importância da diversidade linguística e cultural.

## **MATERIAL DE APOIO**

### **RECURSO DIDÁTICO**

Datashow, computador, caixa de som, material impresso.

### Atividade: Variedades da língua falada – variação diatópica

O texto a seguir é de autoria de Patativa do Assaré, um importante poeta popular e representante da cultura nordestina.

#### O Poeta da Roça

Sou fio das mata, cantô da mão grossa  
Trabaio na roça, de inverno e de estio  
A minha chupana é tapada de barro  
Só fumo cigarro de paia de mio

Sou poeta das brenha, não faço o papé  
De argum menestrê, ou errante cantô  
Que veve vagando, com sua viola  
Cantando, pachola, à percura de amô

Não tenho sabença, pois nunca estudei  
Apenas eu sei o meu nome assiná  
Meu pai, coitadinho! Vivia sem cobre  
E o fio do pobre não pode estudá

Meu verso rastero, singelo e sem graça  
Não entra na praça, no rico salão  
Meu verso só entra no campo, na roça  
Na pobre paióça, da serra ao sertão

Só canto o buliço da vida apertada  
Da lida pesada, das roça e dos e dos eito  
E às veiz, recordando feliz mocidade  
Canto uma sodade que mora em meu peito

Eu canto o cabôco com suas cassada  
Nas noite assombrada que tudo apavora  
Por dentro das mata, com tanta corage  
Topando as visage chamada caipóra

Eu canto o vaquêro vestido de côro  
Brigando com o tôro no mato fechado  
Que pega na ponta do brabo novio  
Ganhando logio do dono do gado

Eu canto o mendigo de sujo farrapo  
Coberto de trapo e mochila na mão  
Que chora pedindo socorro dos home  
E tomba de fome sem casa e sem pão

E assim, sem cobiça dos cofre luzente  
Eu vivo contente e feliz com a sorte  
Morando no campo, sem vê a cidade  
Cantando as verdade das coisa do norte.

Composição: Patativa do Assaré.

Disponível em [www.lettras.mus.br/patativa-do-assare/872145/](http://www.lettras.mus.br/patativa-do-assare/872145/) acesso em 10/05/2024

<https://youtu.be/FFdIfeKQT0Q>

Dividir os alunos em pequenos grupos e distribuir as cópias do texto em estudo para a audição.

Após a audição do poema e sua leitura coletiva, pedir aos grupos que discutam as seguintes questões:

1. De que forma o poeta se descreve no texto?
2. Como a linguagem usada no poema reflete a cultura e a identidade do poeta?
3. Que palavras indicam a variação presente no texto?

4. Que palavras apresentam traços de oralidade que foram transmitidos para a escrita?

5. Identifiquem as palavras e expressões regionais presentes no poema.

6. Quais sentimentos e imagens o poeta consegue transmitir através do uso da variação linguística?

7. De acordo com os conceitos de concordância (nominal e verbal), transcreva os versos que apresentam variedades linguísticas diferentes da chamada norma- padrão.

8. Observe os seguintes versos e identifique as variedades que eles apresentam.

I- “Sou poeta das brenha, não faço o papé”.

II- “Que veve vagando, com sua viola”.

## PARTE II



**ATIVIDADES PARA O  
RECONHECIMENTO DAS NOÇÕES  
BÁSICAS DA CONCORDÂNCIA DE  
NÚMERO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.  
DESTACANDO A VARIAÇÃO DA  
CONCORDÂNCIA NO SINTAGMA VERBAL**

## SUGESTÕES PARA A CONDUÇÃO DA ATIVIDADE 5

### Atividade 5: Reconhecendo as variedades linguísticas

#### Gênero: Poema

##### OBJETIVOS:

- Identificar elementos literários e linguísticos utilizados pelo autor.
- Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.

##### TEMPO:

2 horas-aula –  
100 minutos

**BNCC:** (EF69LP14) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo em textos literários.

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

(EF09LP28) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

### INÍCIO – 25 MINUTOS

Contextualização do Autor e do Poema:

Professor(a), apresente brevemente a vida e a obra de Braúlio Bessa, destacando sua importância como poeta popular e representante da cultura nordestina.

Exibição vídeo para a turma do poema na voz do autor.

[https://youtu.be/yVGYxQs\\_JJc](https://youtu.be/yVGYxQs_JJc)



### DESENVOLVIMENTO – 45 MINUTOS

Leitura e Análise do Poema

Distribuir cópias do poema para os alunos.

Ler o poema em voz alta novamente, pedindo aos alunos que acompanhem.

Fazer uma leitura pausada, destacando trechos que apresentam variação linguística regional (uso de palavras e expressões típicas do Nordeste).  
Dividir a sala em grupos para a resolução das questões da atividade.  
O professor deverá estipular um tempo para que os alunos respondam a atividade.

## ENCERRAMENTO – 30 MINUTOS



Cada grupo apresenta suas conclusões para a turma, através da resolução das questões propostas.

Discussão de como a variação linguística enriquece o texto e contribui para a expressão artística e cultural.

## MATERIAL DE APOIO

### RECURSO DIDÁTICO

Datashow, computador, caixa de som, material impresso, vídeo utilizado ([https://youtu.be/yVGYxQs\\_JJc](https://youtu.be/yVGYxQs_JJc)) disponível no youtube.

### **ATIVIDADE: Reconhecendo as variedades linguísticas**

Essa atividade incentiva os alunos a reconhecerem e valorizarem as variações linguísticas presentes no poema, promovendo uma compreensão mais profunda da diversidade cultural e linguística do Brasil.

#### **TEXTO:**

### **CORAÇÃO NORDESTINO**

Um cantador de viola  
fazendo verso rimado,  
toicim de porco torrado  
numa velha caçarola,  
um cego pedindo esmola,  
lamentando o seu destino,  
é só mais um Severino  
que não tem o que comer.  
Tudo isso faz bater  
um coração nordestino.

As conversas de calçada,  
os causos de assombração,  
em riba de um caminhão  
a mudança inesperada,  
galinha bem temperada  
sem usar tempero fino,  
quebranto forte em menino  
pra benzedeira benzer.  
Tudo isso faz bater  
um coração nordestino.

Banho de chuva na biqueira,  
dindim de coco queimado,  
menino dependurado  
nos braços de uma parteira,  
manicure faladeira,  
o gado magro e mofino,  
novenas para o divino,  
pedidos para chover.  
Tudo isso faz bater  
um coração nordestino.

Pracinhas pra namorar  
sem pular nenhuma etapa,  
cachaça no bar da tapa,  
cantadores pra rimar,  
um forrozim pra dançar,  
que também é nosso hino,  
quer dançar, eu lhe ensino  
até o suor descer.  
Tudo isso faz bater  
um coração nordestino.

Quando a gente olha pro alto  
consegue enxergar a lua,  
caminhar no mêi da rua  
sem ter medo de assalto,  
um terreiro sem asfalto,  
sem concreto clandestino,  
um açude cristalino,  
um cheiro no bem querê.  
Tudo isso faz bater  
um coração nordestino.

Uma porca parideira  
com uns doze bacurim,  
gente boa e gente ruim,  
zoadas no fim de feira,  
arapuca, baladeira,  
o chapéu de Virgulino,  
na bodega de Firmino  
tem de tudo pra vender.  
Tudo isso faz bater  
um coração nordestino.

Um bebo toma uma cana,  
cospe no pé do balcão,  
a luz de um lampião  
ilumina uma cabana,  
uma penca de banana  
na casa de Marcolino,  
pirão grosso e caldo fino  
pra mode o cabra comer.  
Tudo isso faz bater  
um coração nordestino.

Uma velha na janela  
reclamando de uma dor,  
casinhas de toda cor  
azul, verde, amarela,  
um pé de seriguela  
no quintal de Marcelino,  
no Mobraal, Seu Jesuíno  
aprendendo a escrever.  
Tudo isso faz bater  
um coração nordestino.

Tem milho verde cozido,  
castanha feita na brasa,  
no oitão da minha casa,  
um bebo véi estendido,  
na outra esquina, perdido,  
mais um bebo, um dançarino,  
igreja tocando o sino  
no final do entardecer.  
Tudo isso faz bater  
um coração nordestino.

O gibão de um vaqueiro  
que é sua armadura,  
engenho de rapadura  
pega-pega no terreiro,  
um barrão lá no chiqueiro  
pra quem é chique, um suíno,  
o caminhão de Faustino  
cheio de manga pra vender.  
Tudo isso faz bater  
um coração nordestino.

São milhões de pensamentos  
que não saem da cabeça,  
e antes que eu me esqueça  
registro esses momentos  
com poesia e sentimentos  
desde os tempos de menino,  
talvez fosse o meu destino  
nascido pra escrever  
aquilo que faz bater  
um coração nordestino.

Sabendo que esse poema foi escrito para homenagear o povo nordestino em seu dia 08 de outubro, responda às questões propostas.

1. Que costumes e características do povo nordestino podem ser identificados no texto?
2. Como a linguagem usada no poema reflete a cultura e a identidade do povo nordestino?
3. Que expressões usadas no texto são típicas da língua falada?
4. Quais são as semelhanças entre os textos de Patativa do Assaré e de Braúlio Bessa?
5. Observe os versos:

São milhões de pensamentos  
que não saem da cabeça,

De acordo com a norma padrão, o verbo concorda em número e pessoa com seu sujeito. Sabendo disso, explique por que os verbos destacados estão no plural.

## SUGESTÕES PARA A CONDUÇÃO DA ATIVIDADE 6

### Atividade 6: De olho na concordância.

#### Gênero: Crônica

##### OBJETIVO:

- Identificar elementos literários e linguísticos utilizados pelo autor.
- Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.

##### TEMPO:

4 horas-aula -  
200 minutos

**BNCC:** (EF69LP15) Reconhecer, em textos literários, formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas, considerando o momento e o local de sua produção e autoria.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

(EF07LP34) Empregar as regras básicas de concordância nominal e verbal em situações comunicativas e na produção de textos.

(EF69LP15) Reconhecer, em textos literários, formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas, considerando o momento e o local de sua produção e autoria.

## INÍCIO – 50 MINUTOS



Professor(a), comece a aula introduzindo o conceito de concordância verbal e explicando sua importância na gramática e na sociedade.

Em seguida, através de slides, ocorrerá a sociabilização do texto para a leitura. A leitura será feita oralmente pelo professor, juntamente com os alunos.

## DESENVOLVIMENTO - 100 minutos

Após a leitura coletiva do texto, divida a sala em pequenos grupos de 3 ou 4 alunos para a resolução das questões da atividade.

O professor deverá estipular um tempo para que os alunos respondam às questões.

Os grupos apresentarão suas conclusões para a turma, através da resolução das questões propostas. (Cada grupo responderá oralmente apenas uma pergunta).

Em seguida, solicitar aos alunos que escrevam frases que são utilizadas no cotidiano e que apresentam a concordância verbal diferente da norma-padrão.

Os grupos farão um cartaz com as essas frases comparando-as com a norma-padrão.

## ENCERRAMENTO - 50 MINUTOS

Encerre a atividade ressaltando a importância de reconhecer e respeitar as diferentes formas de expressão linguística, incluindo as variações na concordância verbal.

Incentive os alunos a continuarem explorando e aprendendo sobre a diversidade linguística ao longo de suas vidas.

## MATERIAL DE APOIO

### RECURSO DIDÁTICO



Datashow, computador, material impresso, cartolina ou papel madeira, lápis de cor, canetinhas, fita gomada.

## ATIVIDADE: De olho na crônica

O texto a seguir faz uma reflexão sobre a língua portuguesa. Leia com atenção e responda as questões propostas.

**CRÔNICA:** A nossa língua portuguesa



Rubinho Giaquinto 13 de dezembro de 2022 as 17:53  
Crédito - Ana Mello / Museu da Língua Portuguesa

### Minha cara leitora. Meu caro leitor...

Escrevo minha última crônica do ano. Será uma confissão de um humilde escritor proletário das quebradas. Eu não sou professor de português. Sou só curioso da nossa língua.

Sou só um correria, mesmo. Vou à Bahia, à Itália, a Curitiba, a Sergipe. Dá vontade colocar acento grave em tudo, ou seja, fazer a crase em todas elas, né?

Confesso que tenho muitas dificuldades na hora da escrita.

Por isso, estudo um pouquinho todos os dias. Tenho muitas dúvidas na hora da escrita, sim! Porque falo de um jeito e escrevo de outro.

Mais de um corredor abandonou a corrida. Não dá vontade escrever abandonaram? São tantas regras e exceções que me perco no meio delas.

Também tento socializar o conhecimento com as pessoas nas redes sociais.

O consumo das famílias brasileiras diminuiu. Não dá vontade escrever diminuíram?

Sei que o importante é me comunicar. Sei também que a língua é dinâmica e suas mudanças são perenes.

Penso que as pessoas têm o direito de ter acesso ao conhecimento e às regras vigentes da nossa língua e, a partir daí, fazer o que quiserem.

Amar e sentir saudades faz parte da vida. Não dá vontade escrever fazem?

Quero deixar claro uma coisa: as pessoas falam e escrevem como querem e como podem. São livres. Minha tarefa é tentar construir um tipo de ponte para o acesso à norma padrão. Você decide o que fazer.

Quero agradecer de coração a cada um e a cada uma que acompanha minha singela escrita. Beijo no coração de vocês!

Tu e ele ficastes calados. Quem vai falar isso no cotidiano?

Coluna | Crônica | A nossa língua | Brasil de Fato - Minas Gerais ([brasildefatomg.com.br](http://brasildefatomg.com.br)) acesso em 15/abril/2024

1. O texto lido é uma crônica. Que elementos contribuem com a identificação desse gênero textual?
2. A utilização da Língua Portuguesa é um assunto que sempre desperta interesse. Quais aspectos relacionados a essa utilização são abordados no texto que você leu?
3. Como o autor do texto se descreve?
4. Quais as causas apontadas pelo escritor para sua dificuldade de escrita?
5. Você também tem dificuldade na hora de escrever? Informe as possíveis causas para que isso ocorra.
6. Observe as frases:
  - I- Mais de um corredor abandonou a corrida.
  - II- Mais de um corredor abandonaram a corrida?

a) Que diferença pode ser percebida entre as duas frases, se observarmos os verbos “abandonou”, na primeira, e “abandonaram”, na segunda?

b) Qual das duas frases está de acordo com a norma-padrão? Justifique sua resposta.

c) Elabore, com suas palavras, uma regra para explicar a ocorrência do verbo no plural na frase II.

7. Observe o trecho “O consumo das famílias brasileiras diminuiu. Não dá vontade escrever diminuíram?” Se a frase estivesse com o verbo no plural, conforme a vontade do autor, ela seria considerada errada? Explique por quê.

8. No trecho: “Tu e ele ficastes calados. Quem vai falar isso no cotidiano?”, O que o autor está criticando?

9. Analise as frases abaixo.

I. Amar e sentir saudades faz parte da vida.

II. Amar e sentir saudades fazem parte da vida

Em sua opinião, qual desses usos está mais presente na sociedade? Explique por que existe uma preferência por uma das frases.

10. No trecho:

“Quero deixar claro uma coisa: as pessoas falam e escrevem como querem e como podem. São livres. Minha tarefa é tentar construir um tipo de ponte para o acesso à norma padrão. Você decide o que fazer.”

Você concorda ou discorda da opinião do autor do texto? Justifique sua resposta.

## SUGESTÕES PARA A CONDUÇÃO DA ATIVIDADE 7

**Atividade 7:** Linguagem: uma questão de adequação.

**Gênero:** Crônica / Entrevista

### OBJETIVO:

- Identificar elementos literários e linguísticos utilizados pelo autor.
- Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.

### TEMPO:

2 horas-aula –  
100 minutos

**BNCC:** (EF69LP15) Reconhecer, em textos literários, formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas, considerando o momento e o local de sua produção e autoria.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

## INÍCIO – 30 MINUTOS

Professor(a), inicie a atividade com uma explicação sobre os conceitos de adequação e inadequação com relação a situações de uso da língua.

Explique, que nesta atividade, será feita a leitura de uma crônica em que a situação comunicativa não acontece inicialmente.

Relembre o gênero crônica e suas principais características.

## DESENVOLVIMENTO – 50 MINUTOS

Após a leitura coletiva do texto, divida a sala em pequenos grupos de 3 ou 4 alunos para o desenvolvimento da atividade.

Os alunos deverão discutir as questões e criar um painel com as respostas de cada equipe.

Com a orientação do professor, os alunos sociabilizarão as repostas e discutirão o tema presente no texto.

## ENCERRAMENTO – 20 MINUTOS

Cada grupo apresenta suas conclusões para a turma, através da resolução das questões propostas.



## MATERIAL DE APOIO

### RECURSO DIDÁTICO

Datashow, computador, material impresso, cartolina ou papel madeira, lápis de cor, canetinhas, fita gomada.

### **ATIVIDADE: Linguagem: uma questão de adequação.**

No texto a seguir, o autor Luís Fernando Veríssimo brinca com situações que envolvem o discurso oral e fogem à expectativa do ouvinte. Leia-o com atenção para responder às questões propostas.

#### **TEXTO:**

### **Aí, galera**

Jogadores de futebol podem ser vítimas de estereotipação. Por exemplo, você pode imaginar um jogador de futebol dizendo “estereotipação”? E, no entanto, por que não?

-- Aí, campeão. Uma palavrinha pra galera.

-- Minha saudação aos aficionados do clube e aos demais esportistas, aqui presentes ou no recesso dos seus lares.

-- Como é?

-- Aí, galera.

-- Quais são as instruções do técnico?

-- Nosso treinador vaticinou que, com um trabalho de contenção coordenada, com energia otimizada, na zona de preparação, aumentam as probabilidades de, recuperado o esférico, concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade, valendo-nos da desestruturação momentânea do sistema oposto, surpreendido pela reversão inesperada do fluxo da ação.

-- Ahn?

-- É pra dividir no meio e ir pra cima pra pegá eles sem calça.

-- Certo. Você quer dizer mais alguma coisa?

-- Posso dirigir uma mensagem de caráter sentimental, algo banal, talvez mesmo previsível e piegas, a uma pessoa à qual sou ligado por razões, inclusive, genéticas?

-- Pode.

-- Uma saudação para a minha genitora.

-- Como é?

-- Alô, mamãe!

-- Estou vendo que você é um, um...

-- Um jogador que confunde o entrevistador, pois não corresponde à expectativa de que o atleta seja um ser algo primitivo com dificuldade de expressão e assim sabota a estereotipação?

-- Estereoquê?

-- Um chato?

-- Isso.”

Luís Fernando Veríssimo (In: Correio Brasiliense, 13/05/1998)  
Disponível em [armazemdetexto.blogspot.com/2019/04/cronica-ai-galera-luis-fernando.html](http://armazemdetexto.blogspot.com/2019/04/cronica-ai-galera-luis-fernando.html). Acesso em 04/05/2024

1. Qual é a situação descrita no texto "Aí, Galera" de Luís Fernando Veríssimo? Quem são as personagens?

2. Qual o contexto da conversa retratada na crônica?

3. O texto apresenta uma situação que foge à expectativa do público com relação à postura do jogador entrevistado. Explique como isso acontece.

4. Inicialmente, o repórter não consegue entender o que o jogador está dizendo. Levante hipóteses, por que tal situação ocorre?

5. Podemos afirmar que a fala do jogador é adequada à situação de uso da língua neste contexto? Justifique sua resposta.

6. O texto pertence ao gênero crônica, porém o autor se utilizou de outro gênero textual para construir sua narrativa. Que gênero textual é esse retratado? De que forma a linguagem se apresenta geralmente nesse tipo de gênero?

7. Transcreva do texto algumas expressões usadas comumente na língua falada.

8. Por que você acha que o autor escolheu utilizar a linguagem coloquial e informal no texto? Como isso contribui para a caracterização dos personagens e para o humor da história?

9. Apesar do tom predominante humorístico do texto, ele também nos permite refletir sobre a nossa língua. Afinal, ser fluente em uma língua vai além do conhecimento de suas regras gramaticais. É necessário, também, saber adequar o uso da linguagem ao contexto discursivo. O texto “Aí, galera” é um exemplo dessa inadequação ao contexto. Explique como foi construída essa situação ao longo da crônica.

10. No trecho “-- Um jogador que confunde o entrevistador, pois não corresponde à expectativa de que o atleta seja um ser algo primitivo com dificuldade de expressão e assim sabota a estereotipação?” A que estereotipação o cronista se refere?

## SUGESTÕES PARA A CONDUÇÃO DA ATIVIDADE 8

### Atividade 8: Variedades de Concordância.

**Gênero:** Gêneros textuais variados

#### OBJETIVO:

- Promover a reflexão sobre a naturalidade e a frequência de usos da concordância não padrão e sobre a valoração que esses usos recebem.
- Permitir que o aluno faça considerações sobre a variação da concordância entre verbo e sujeito.

#### TEMPO:

4 horas-aula  
200 minutos

**BNCC:** (EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.  
(EF07LP34) Empregar as regras básicas de concordância nominal e verbal em situações comunicativas e na produção de textos.  
(EF09LP28) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

### INÍCIO – 50 MINUTOS

Professor(a), inicie a aula lembrando aos alunos o que é variação linguística e como ela se manifesta na língua, especialmente na concordância verbal. (memória da aula anterior)

Professor(a), é importante ressaltar como o uso da concordância verbal de forma não padrão é visto na sociedade.

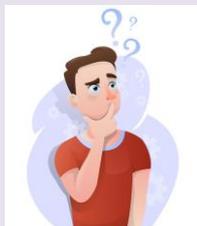
### DESENVOLVIMENTO – 100 MINUTOS

Professor(a), divida a sala em pequenos grupos de 3 ou 4 alunos para o desenvolvimento da atividade.

Peça aos grupos que leiam os textos e identifiquem exemplos de concordância verbal dentro deles.

**Discussão em Grupo:**

- O professor deverá estipular um tempo para que os alunos respondam a atividade.
- Após a leitura, promova uma discussão em grupo em que os alunos compartilhem suas observações sobre os exemplos de concordância verbal encontrados.
- Incentive-os a discutir como a variação linguística afeta a concordância verbal em cada texto e por que isso ocorre.
- Peça aos grupos que escolham um exemplo de concordância verbal de um dos textos e analisem como ele se relaciona com o contexto linguístico em que foi utilizado.
- Eles devem responder perguntas como: Por que a concordância verbal foi usada dessa maneira? Ela reflete características específicas da variedade linguística em questão?

**ENCERRAMENTO – 50 MINUTOS****Apresentação e Reflexão**

- Cada grupo deve responder oralmente uma alternativa e apresentar suas análises para a turma.
  - Após todas as apresentações, professor (a) promova uma discussão sobre como a variação linguística na concordância verbal contribui para a diversidade e riqueza da língua portuguesa.
- Encerre a atividade ressaltando a importância de reconhecer e respeitar as diferentes formas de expressão linguística, incluindo as variações na concordância verbal. Incentive os alunos a continuarem explorando e aprendendo sobre a diversidade linguística ao longo de suas vidas.

**MATERIAL DE APOIO****RECURSO DIDÁTICO**

Datashow, computador, material impresso.

## ATIVIDADE: Variedades de Concordância

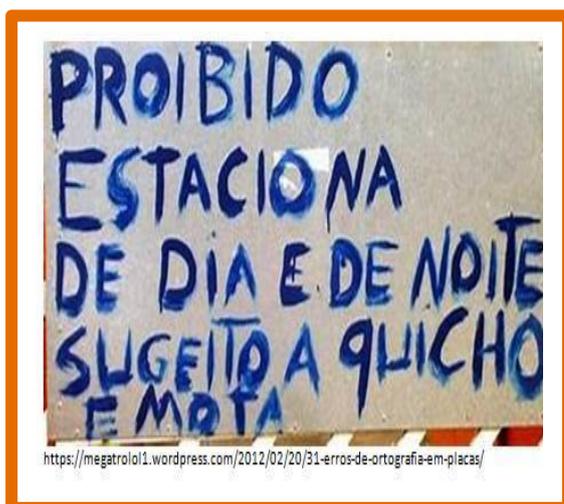
Esta atividade permite que os alunos explorem diretamente as variações na concordância verbal em contextos reais, promovendo uma compreensão mais profunda e contextualizada da diversidade linguística.

Segundo a regra geral de concordância verbal, estabelecida com base no uso padrão, o verbo apresenta o mesmo número (singular ou plural) que o seu sujeito. No entanto, alguns fatores podem contribuir para que ocorra uma variedade de concordância não padrão, que a gramática tradicional denomina de erro. Dentre esses fatores, podemos citar:

- I. a posição do sujeito em relação ao verbo.
- II. o verbo está longe do sujeito ou do elemento a que o sujeito se refere.
- III. o nível de escolaridade dos falantes.

1. Observe os textos abaixo e identifique a variedade diferente da norma -padrão que aparece em cada um. Em seguida, tente explicar qual fator (dentre os citados acima) contribuiu para essa variedade.

a)



Disponível em <https://pt-static.zdn.net/files/d6a/91269434c7fb6a59557aa8deaba581eb.png> Acesso em 18/05/2024

b)



Disponível em <https://s2.glbimg.com/ehUirBEB--z64j0x8JMtSx-vqY=/s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2013/08/06/caragua.jpg> Acesso em 18/05/2024

c)



Disponível em <https://goias24horas.com.br/wp-content/uploads/2015/04/erro.jpg>  
Acesso em 18/05/2024

d)



Disponível em <https://images.app.goo.gl/1Ycom7GxKEZSRj5C9>  
Acesso em 18/05/2024

e)



Disponível em <https://images.app.goo.gl/ui9UV2crvkPDkQkb7>  
Acesso em 18/05/2024

f)



Disponível em <https://images.app.goo.gl/MwkAeMEm9XV6CvT56>  
Acesso em 18/05/2024

2. Leia com atenção o texto abaixo e responda às questões propostas.

### **MARCOS BAGNO: Preconceito Linguístico no Brasil**

Para Marcos Bagno, professor do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília (UnB), a língua é uma entidade social em constante transformação por nós que a inventamos e reinventamos todos os dias. Uma das principais manifestações da nossa brasilidade, formada por inúmeros sotaques e expressões.

Contudo, a língua também é utilizada como um instrumento de opressão e fonte de preconceito pelas elites, que não aceitam as variedades linguísticas e regionalismos das classes mais baixas, que fogem da norma culta e são consideradas “erradas”. É o que Bagno chama de “preconceito linguístico”.

“Como todo preconceito, o linguístico é a manifestação, de fato, de um preconceito social, porque o que está em jogo não é a língua que a pessoa fala, mas a própria pessoa como ser social”, afirma o linguista. “Rejeitar a língua é rejeitar a própria pessoa e a comunidade de que ela faz parte.”

Disponível em <https://www.une.org.br/2014/11/marcos-bagno-a-lingua-como-instrumento-de-poder/>  
Acesso em 19/05/2024

a) Você concorda com a opinião do autor?

b) O que você entende por preconceito linguístico?

c) Comente a afirmação abaixo.

“Rejeitar a língua é rejeitar a própria pessoa e a comunidade de que ela faz parte.”

d) De que forma o conhecimento sobre a variação linguística pode contribuir para a diminuição do preconceito linguístico?

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irlandé. **Gramática contextualizada: limpando “o pó das ideias simples”**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

ANTUNES, Irlandé. **Muito além da gramática: por um ensino sem pedras no caminho**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português**. 1ª. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris (Org.). **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetro Curricular Nacional de Códigos e Linguagem**. Brasília, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: MEC/SEB,2017**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>.

CHAGAS, Danieli Silva; "**Concordância Verbal: Estratégias para o Trabalho com os Três Eixos para o Ensino de Gramática**", p. 61 -94. In: **Gramática, Variação e Ensino: Diagnose e Propostas Pedagógicas**. São Paulo: Blucher, 2018.

CHAGAS, Danieli Silva; **Ensino de gramática e múltiplos letramentos: percepções sobre a construção de sentidos sob influência do valor indexical da linguagem e seu impacto no ensino da concordância verbal**. Rio de Janeiro, Diadorim, Revista 19 volume 2, p. 209-228, Jul/Dez 2017.

FREIRE, Gilson Costa; NASCIMENTO, Xella Ohana da Cunha. Ensino de concordância verbal de **terceira** pessoa do plural por meio de suportes digitais no Ensino Fundamental. **Revista EntreLetras**. Araguaína/TO, v. 9, n. 2, p. 204-225, jul./set. 2018.

SANTOS, Aymmeé Silveira; MELO, Raniere Marques de. O ensino da variação linguística na Base Nacional Comum Curricular. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 115-132, set - dez/2019.

## APÊNDICE B – Uma breve reflexão da autora

Há quase três décadas, a sala de aula é minha rotina. Ao longo desse tempo, pude vivenciar as mudanças advindas da modernidade. Saí do retroprojektor e das transparências, em que os textos produzidos pelos alunos viraram objeto de análise nas aulas de produção textual, outrora chamadas de aulas de redação. De lá para cá muita coisa mudou, o retroprojektor virou apenas o projetor e as transparências deram lugar ao texto projetado em *powerpoint*. No entanto, a maior revolução na educação, ao meu ver, deu-se com o surgimento da *internet*. Aí sim, tudo mudou na dinâmica da sala de aula, aulas mais interativas, intertextualizadas e com acesso a lousas digitais que colocava os alunos dentro da *internet*, ou seja, interatividade em tempo real. De repente, um mundo de possibilidades a explorar. Os temas das aulas a um *click* e tudo quase pronto. Parecia mágica poder colocar um vídeo direto do *youtube* e ilustrar uma aula de gramática. Eram tantas novidades que nós, professores, estávamos deslumbrados, feitos crianças soltas em parques de diversões. O maior “barato”! Opa! Que termo ultrapassado! Assim como alguns conteúdos gramaticais...

O professor teve que se reinventar e criar aulas integradas às novas tecnologias. De repente, tudo que precisávamos podia ser armazenado nas nuvens e os jovens, cada vez mais integrados as novas tecnologias, tornaram-se um desafio para os docentes. Como lidar com alunos altamente conectados ao mundo virtual em uma escola com uma estrutura de ensino ainda medieval? Apesar de diversas mudanças, uma coisa continua a mesma: as aulas de língua portuguesa. Em muitas situações, os alunos agem como se não soubessem a sua própria língua materna. Ouvimos constantemente dos alunos, em diferentes situações, que Português é muito difícil. Ou que não sei português. Como assim? Onde estamos errando?

Em que momento a escola tornou-se um ambiente de imposição e que os jovens se veem desmotivados e não proficiente em sua língua materna? O que fazer diante desse paradoxo?

Como tornar as aulas mais interessantes para os alunos? Como fazê-los compreender que a língua é mais que as regras da gramática impostas como verdade absoluta pela escola, mas que nada tem em comum com a língua usada pelo aluno em seu cotidiano?

Do mesmo modo que muito nos angustia a falácia que ouvimos de muitos professores de LP que dizem, de forma orgulhosa, que não trabalham mais a gramática e sim apenas o texto e sua leitura. Como assim? Como podemos isolar a gramática de uma língua, se ela é inerente a todas as línguas? Uma vez que é comprovado que não existe língua desprovida de gramática. Não. De forma nenhuma podemos esquecer essa premissa. Não tem como interpretar um texto sem levar em conta a gramática da língua. Nesse caso, peca-se pelo exagero nem só a gramática,

nem sem a gramática. Precisamos encontrar o equilíbrio nesse contexto de tantas incertezas.

Infelizmente, o ensino prescritivo tem sido supervalorizado pela escola e muito usado nas aulas de LP. Tal situação acaba por causar prejuízos na formação dos alunos, porque, em termos de conhecimento linguístico, dificultará a obtenção de uma competência comunicativa mais ampla, fundamental para o convívio social.

É importante destacar que, para desenvolver a competência comunicativa dos alunos, usuários da língua, a escola precisa trabalhar em suas aulas de LM à pluralidade dos discursos e uma dimensão dessa pluralidade relaciona relaciona-se às variedades linguísticas.

Temos um longo caminho a percorrer, no entanto, felizmente, o primeiro passo já foi dado através dos documentos norteadores da educação brasileira que reconhecem a VL e a importância de adequar a língua às situações de uso. Sabemos que não será fácil a mudança, mas temos a esperança de que, em futuro não tão distante, o ensino de LP possa ser verdadeiramente produtivo e não apenas decorativo e impositivo.